Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



LAWRENCE OLIVIER e MERLE OBERON numa cêna famosa de «O Monte dos Vendavais», produção United Artists distribuída pela Sonoro Filme, que ganhou a Taça do «Animatógrafo»

SÉRIE—N.º 14—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 10 DE FEVEREIRO DE 1941—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

A RÁDIO-FILMES
apresenta
«SORTE GRANDE»
(«Lucky Partners»)

Argumento extraído da obra «Bonne Chance», de *Sacha Guitry*
Realização de *Lewis Milestone*
Produção de *George Haight*

Personagens:

Jean . . . . GINGER ROGERS
David . . . . RONALD COLMAN
A Tia . . . . SPRING BYINGTON
Freddie . . . . JACK CARSON





Jean (Ginger Rogers) trabalha numa pequena livraria que sua tia (Spring Byington) possue em Greenwich Village — o Montparnasse de Nova Iork. Ali vive também David Grant (Ronald Colman), artista boémio, cujo passado é um mistério.

Um curioso incidente leva Jean à superstição de que David Grant «dá sorte», e nesse convencimento propõe-lhe sociedade numa aposta de corridas.

O artista, fazendo valer o seu «mérito», dita uma estranha condição.

Freddie (Jack Carson), namorado da rapariga, era de opinião que com as luas de mel se gastavam inùtilmente tempo e dinheiro. David considerava-as indispensáveis à felicidade do matrimónio. Do pleito nasceu a idea da tal estranha condição.







Parece que é verdade: o artista boémio, de passado misterioso, «dá sorte...» A aposta rendeu 150 contos.

E cumpre-se a condição. Seguindo o itenerário clássico das luas de mel, Jean e David partem para o Niagara.

Como irmão e irmã (?), eis os dois a gosar uma suposta lua de mel.

Um dia sem àmanhã, mas um dia que se prolonga... até se extinguirem os 6.000 dólares, Jean acha encantadora a idea que teve o artista.

Vivem no hotel em quartos contíguos, mas David cavalheirescamente não se esqueceu de entregar à rapariga a chave da porta que os divide. E à noite, paredes meias, adormecem os dois candidamente, embalados pelo mesmo eco romântico das cataratas.







Freddie, que aceitara pouco satisfeito aquela exdrúxula situação, resolveu tirar-se dos seus cuidados e, com o preconcebido propósito de os surpreender, irrompe pelo hotel. Mas em vão... os dois «manos» mostram uma atitude irrepreensível.

Ao mesmo tempo, David tem que abandonar precipitadamente as suas férias, para explicar à polícia o seu misterioso passado e desfazer as intrigas que envolvem a sua verdadeira personalidade de artista célebre.

O caso vai parar aos tribunais. Um juiz-filósofo, um namorado-ingénuo, um artista-apaixonado, e a Jean, que acaba por «dar sorte» a quem a tinha... Deixemos a solução dêste problema judicial e amoroso ao nosso clarividente leitor.

(Texto de António de Carvalho Nunes)

2.ª série / N.º 14 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

11 de Fevereiro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuídores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

"O Monte dos Vendavais"



O Director do «Animatógrafo» proclamando o filme vencedor

GRETA GARBO
em "Ninotchka"
e LESLIE HOWARD
em "Pigmaleão"

foram os vencedores do Concurso de 1940

OS FILMES CLASSIFICADOS

1.º — «O MONTE DOS VENDAVAIS» *(Wuthering Heights)* da Sonoro Filme

2.º — «INTERMEZZO» *(Intermezzo)* da Sonoro Filme

3.º — «PIGMALEÃO» *(Pygmalion)* da Nacional Filme

4.º — «PINOCCHIO» *(Pinocchio)* da Rádio Filmes

5.º — «NINOTCHKA» *(Ninotchka)* da Metro Goldwyn Mayer

6.º — «ADEUS, MISTER CHIPS!» *(Goodbye, Mister Chips!)* da Metro Goldwyn Mayer

7.º — ASSIM NASCEU O CINEMA *(Hollywood Cavalcade)* da Fox Filmes

8.º — «MULHERES» *(The Women)* da Metro Goldwyn Mayer

9.º — «DE BRAÇO DADO» *(Babes in arms)* da Metro Goldwyn Mayer

AS ACTRIZES

1.º — GRETA GARBO em *«Ninotchka»* da M. G. M.

2.º — WENDY HILLER em *«Pigmaleão»* da Nacional Filmes

3.º — NORMA SHEARER em *«Mulheres»* da M. G. M.

4.º — ANNA NEAGLE em *«Irene»* da Rádio Filmes

5.º — EDWIGE FEUILLÈRE em *«Fui uma aventureira»* da Sonoro Filme

6.º — GREER GARSON em *«Adeus, Mister Chips!»* da M. G. M.

OS ACTORES

1.º — LESLIE HOWARD em *«Pigmaleão»* da Nacional Filmes

2.º — ROBERT DONAT em *«Adeus, Mister Chips!»* da M. G. M.

3.º — LESLIE HOWARD em *«Intermezzo»* da Sonoro Filme

4.º — ERROL FLYNN em *«As Aventuras de Robin dos Bosques»* da S. I. F.

5.º — LESLIE HOWARD em *«A Comédia do Amor»* da S. I. F.

6.º — CARY GRANT em *«Paraíso Infernal»* da Aliança Filme

7.º — RALPH RICHARDSON em *«As 4 Penas Brancas»* da Sonoro Filme

Finalmente publicamos os resultados dos nossos prémios para 1940, proclamados pelo Director de «Animatógrafo» na grande festa de quinta-feira passada.

Os resultados têm verdadeira categoria — e outra coisa, não era de esperar, aliás, do júri do concurso.

A primeira Taça do «Animatógrafo» não podia ter encontrado mais digno detentor.

Greta Garbo — que pela primeira vez é distinguida com um prémio desta ordem (parece impossível, mas é verdade!) — conquistou a sua medalha por uma maioria esmagadora.

A vitória de Leslie Howard — se bem que arrancada num segundo escrutínio contra Robert Donat — justifica-se também por si própria.

Conforme podem ver pelos quadros que publicamos nesta página, foram votados nove filmes, seis interpretações de actrizes e sete de actores — *todos para o primeiro lugar.* As listas de classificação foram elaboradas pelo número de votos reünido por cada concorrente (filme ou intérprete), desempatando o júri de admissão, por escrutínio secreto, os que alcançaram igual número de votos.

O Correio de "Bel Tenebroso"

Conforme prometemos aos nossos leitores, dedicamos neste número QUATRO PAGINAS a esta Secção para avançar, quanto possível, as respostas

EXILADO DO MONDEGO. — As cartas são abertas e numeradas, logo que as recebo. Não era necessária, pois, a tua menção de «urgente». — Estamos tratando de acelerar o ritmo das respostas, quer reduzindo a extensão das mesmas, quer com as separatas da correspondência que breve aparecerão. — Transmiti a tua carta ao Director de *Animatógrafo*.

JESSE JAMES. — Nada tens a agradecer. Poderás corresponder-te comigo, sempre que queiras, e, para tanto não necessitas de ser assinante de *Animatógrafo*. Fico, esperando, pois, as tuas cartas.

AMO UMA PITINHA. — Que pseudónimo tão estranho! — — Myrna Loy não aparecerá esta época noutro filme, que não seja *Nick & Espôsa, detectives*. — — Myrna nasceu a 2 de Agôsto de 1905. Tem portanto 36 anos incompletos. — De Annabella, não veremos filme algum na presente temporada.

CALOIRO CINÉFILO. — Sonia Henie continua a ser a boa actriz e excelente patinadora de sempre. Nada nos autoriza a supor que a sua estrêla haja empalidecido. — *A Rainha dos Diamantes* era um filme razoável. — *O Monte dos Vendavais* é um dos filmes mais notáveis da presente temporada. Deixa falar aqueles que o classificaram de «pepineira», como tu referes. Nem todos são obrigados a sentir e compreender as verdadeiras obras de arte. Se assim fôsse, não haveria compradores para aquelas oleografias com peças de caça, que se vêem em certas salas de jantar...

ETERNO GAROTO. — Não vejo inconveniente em que as leitoras adoptem pseudónimos que sejam a forma feminina dos pseudónimos dos leitores e vice-versa... Assim como há Mário e Maria, João e Joana, também poderá haver um *Eterno Garoto* e uma *Eterna Garota*, dentro do correio de *Bel Tenebroso*, sem inconveniente para qualquer dos legítimos detentores dos pseudónimos. No entanto, para evitar confusões eu preferiria que a moda se não generalizasse...

TONY. — Êste leitor portuense pede-me que avise o outro leitor que me escreveu com idêntico pseudónimo de que tem a primazia do mesmo, visto já ter respostas nesta secção sob o nome que escolheu (Vide n.º 3 de *Animatógrafo*). Estou certo de que o *Tony n.º 2* acederá a mudar de pseudónimo, o que evitará confusões que prejudicarão ambos. — Pessoalmente, prefiro *Minha Mulher Favorita* a *Bigamia*, mas compreendo que outros prefiram o segundo. Sob o aspecto cinematográfico, o primeiro tem, a meu ver, mais interêsse! — *Pátria-Filmes, Ld.ª* é a designação comercial duma casa que se dedica ao cinema ambulante, isto é: leva os espectáculos cinematográficos ao centros onde não há salas.

MICKEY ROONETE. — Mickey Rooney está ainda solteiro. Achas que os seus dezoito anos o autorizam já a pensar em casar?!... Estou a vê-lo a declarar-se à Lamour e à Lamarr, que podiam quási ser mães dêle, e elas a dizerem-lhe: «olha, meu amor: cresce e aparece...». — Podes escrever à Lamour, para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. Estou certo de que ela te mandará um retrato.

DEANNÓFILO. — «Ignácio da Purificação» ficou desvanecido com os teus cumprimentos. O Pai é que não gostou da brincadeira... Não quere que desencaminhemos o rapaz, que pensa mais nas estrêlas do cinema do que no Lavoisier e o Arquímedes, por cujas «produções» tem que se interessar à fôrça... — Nat Pendleton: Metro Goldwin Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

POOR THING I AM. — Que pseudónimo tão derrotista! Parece a versão da frase latina que costuma encimar os portais dos cemitérios: *Momento homo...* — Cá fica inscrito na lista dos meus consulentes. — Pode entregar as suas cartas, pessoalmente, na Redacção, se não quiser aumentar as receitas dos Correios e Telégrafos, de quem eu aliás devia receber uma comissão... — *O mistério da Estrada de Sintra* é um projecto que tem tôdas as possibilidades de realização.

OBJECTIVAS.—Carmen Santos: Brasil Vita-Filmes, Rio de Janeiro.

AMIGO N.º 1 DO ANIMATÓGRAFO. — A opinião de Renoir é respeitável, como tôdas as opiniões. Êle detestará Puccini, possìvelmente com a mesma veemência com que tu o adoras. De resto, isso sucede a cada passo, com outros músicos. Não te posso expôr as razões que o levam a justificar semelhante juízo, pela simples razão de que êle já se tinha ido embora, quando li o teu postal.

DOIDO POR FOX. — Se és estudante, o teu pseudónimo tem qualquer coisa de estranho e paradoxal. Como sabes *fox*, em inglês, quere dizer «raposa»... — Não tens que me pedir desculpa da tua carta vir dactilografada. Tomara eu que todos os meus leitores escrevessem à máquina, pois me facilitaria muito a leitura das cartas. — Um homem como tu, que faz 34 quilómetros para poder assistir a um espectáculo cinematográfico, merecia a medalha de oiro de Amor ao Cinema. Bravo, Amigo! — Êste leitor, desejava as letras de *Gosto de Assobiar* (Doida por Música) e *Says my Heart* (Quando canta o coração). Estou certo de que alguem mas remeterá, para podermos satisfazer o pedido de *Doido por Fox*. A letra de *My Own* (e não *My home*, como tu escreveste) já foi publicada nas páginas da nossa revista. — Podes solicitar o retrato de *Maria da Graça*, por intermédio de *Animatógrafo*. — Li a tua carta com muito interêsse. Escreve-me sempre que te apetecer. Gostosamente te responderei.

PRINCESA DA SELVA. — Olá!? Por cá?! «Há quanto tempo te não lia, e que saùdades, Deus meu!» Com êste frio, não deves estranhar que eu parafraseie *(lê duas vezes esta palavra, para a decorares)* a *Balada de Neve*, de Augusto Gil — Tu queixas-te de que as respostas demoram. Eu regozijo-me quando encontro uma carta tua! — Transmito as tuas saudações a *Mab-Illa* e a todos os ex-leitores do *Cine-Jornal*.

RAFFLES. — Nem com tôdas as reacções químicas conhecidas poderás «precipitar» a invisibilidade dêste teu fiel servidor. — A crítica não considerou *Quando o outro dia chegou* «uma das maravilhas do cinema», como tu opinas. Disse que era um bom filme, e nada mais. E dizendo que era um bom filme, não exagerou, nem mentiu. Na categoria de «Maravilhas do Cinema», poderás incluir filmes como *O Monte dos Vendavais*, *Pinocchio*, *Ninotchka*, etc. — *Raffles* deseja corresponder-se com *Fotogénica* e saúda *Rey... sem trono*, *Bob Taylor*, *Deram-lhe uma espingarda* e *Arsene Lupin*.

BEL, O PIRATA. — Transmitimos a Tereza Casal a tua carta. — *João Ratão* é, certamente, um dos filmes portugueses que mais agrado despertaram. De resto, tem reais qualidades a impô-lo. — Deanna Durbin: Universal City, Universal Studios, Hollywood, Califórnia.

UM DOIDO ALADO. — Não creio que a pessoa que citas tenha sido aproveitada para intérprete de *Pôrto de Abrigo*. A não ser que faça algum papel tão insignificante, que não venha mencionada na distribuïção. — Não creio que sejas aceite para o *Clube do Animatógrafo*, onde só têm cabimento aqueles que já iam *conscientemente* ao cinema há dez anos, e nessa data o consideravam já a Arte dos seus Amores!

(Palavra inintelegível) ENIGMA. — Não consegui decifrar completamente o teu pseudónimo. De modo que (tem paciência!) aparece assim. Para a outra vez, escrevê-lo-ás melhor, não é verdade?! — Igrejas Caeiro é, de-facto, uma boa promessa. Oxalá êle no Cinema, consiga impôr-se como no Teatro, onde o seu trabalho tem sido visto com evidente simpatia. — Josephine Baker, que V. terá ocasião de ver em breve num palco de Lisboa, é de facto extremamente simpática. — Escreve-me sempre que quiseres. Estou aqui para responder a todos os meus leitores.

O REFERENDUM DOS RETRATOS

Esta semana, MARIA DA GRAÇA e OSCAR DE LEMOS são os vencedores

Bravo! Nesta torrente impetuosa de senhas de voto, uma onda violenta galgou sôbre a grande vaga de artistas estrangeiros. Após uma luta renhida e intensa que os leitores seguiram, nestas colunas, quási com emoção — a competição chegou a ter aspectos desportivos — dois artistas portugueses, Maria da Graça e Óscar de Lemos, alcançaram vitória! Isto é, não só lisongeiro mas também sintomático. Parabens aos admiradores de uma e às admiradoras do outro — que se deram as mãos para impor os seus favoritos.

No fim da apuração os resultados da semana são os seguintes:

1—MARIA DA GRAÇA.	1—ÓSCAR DE LEMOS.
2—DEANNA DURBIN.	2—CARY GRANT.
3—BETTY GRABLE.	3—LAURENCE OLIVIER.
4—DANIELLE DARRIEUX.	4—RICHARD GREENE.
5—JOAN BENETT.	5—SPENCER TRACY.
6—HELEN PARRISH.	6—MICKEY ROONEY.
7—GRETA GARBO.	7—IGREJAS CAEIRO.
8—INGRID BERGMAN	8—MELVYN DOUGLAS.
9—ELEANOR POWELL.	9—NELSON EDDY.
10—NORMA SHEARER. JEAN ARTHUR.	10—PAUL MUNI.

Esta semana, houve um caso engraçado: um leitor votou no cavalo «Florian»! Não lembrava ao demónio semelhante escolha, mas nem por isso deixamos de registar aqui semelhante predilecção.

Por lapso falhou, de facto, no último número, a senha de voto que hoje reaparece. Agradecemos, no entanto, a solicitude dos leitores que pensaram na melhor maneira de suprir a falta. Prevenimos, no entanto, só registamos as senhas recortadas de «Animatógrafo».

Insistimos ainda que não mandem correspondência de «Referendum» para Bel-Tenebroso o que só complica e atraza o serviço. E poupem selos de $40 e sobrescritos! Colem as senhas de votos em postais!

E, pôsto isto, venham votos, mais votos!

Nêste número: Quatro páginas de Correio!

CANUPE. — Poderá preguntar, sempre que quiser, tudo o que lhe interessar. — Obrigado pelas suas boas palavras. — Agora que está apresentado, não deixe de me escrever.

CONDE MISTERIOSO.—Respondo a duas cartas tuas, expediente que adoptarei, de quando em quando, sempre que elas «estiverem próximas», e até pôr em dia a correspondência atrazada. — Tens um processo de poder encaixilhar as duas fotos duma só separata: comprar dois números. Ou achas que uma das estrêlas não valerá quinze tostões?! — *Pão Nosso*, como todos os filmes maus, tem bons momentos. Pena é as qualidades não contrabalançarem os tremendos defeitos de que o filme enferma. — Não quererás ser tão amável que me informes qual é o romance que dará origem ao filme que se anuncia? Caso exista (tenho a impressão de que estás iludido), gostaria que me desses tôdas as indicações. Sabes a que filme me quero referir? — Por ora, o único filme português em vias de realização é *Lôbos da Serra*, de Brum do Canto.

PRINCIPE MIKAÏL. — Felicito-te, portuense amigo, por grande número de estreias em Portugal se realizarem nos cinemas do Pôrto. Ainda agora, viram primeiro do que nós, *Tovarich*. — Numa resposta anterior falo de *Bigamia* e *Minha Mulher Favorita*. Dispenso-me, pois, de versar, novamente, o assunto.

PRINCESA DOS BOSQUES. — «Não sei se serei bem recebida», dizes tu! Duvidas, porventura, do cavalheirismo de *Bel-Tenebroso?* Então, tratando-se duma princesa!... — Robert Taylor: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Tyrone Power e Linda Darnell. 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — É natural que estes três artistas te enviem foto *grátis*. — Transmito a *Bob Taylor* e a *Bel, o pirata*, as tuas saüdações, ao último dos quais na qualidade de eborense, que te prezas de ser.

ANDY CONQUISTADOR. — A tua homenagem ao Mickey Rooney, é verdadeiramente comovedora... — Podes escrever a Maria da Graça, por intermédio de *Animatógrafo (Quantas vezes terei eu que escrever esta frase, que tem sido o «refrain» do «Correio de Bel-Tenebroso», desde o n.º 2 da nossa revista?!...).*

REY... SEM TRONO. — Judy Garland completou 17 anos no dia 10 de Janeiro. Escreve-lhe para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Êste rei destronado deseja cartear-se com *Uma loira madeirense.*

CINÉFILO ALDEÃO. — O teu pseudónimo não me parece mal. É uma réplica cinegráfica ao *Poeta aldeão*... — Espero agora que me escrevas, uma vez que a tua apresentação está feita.

UM NEÓFITO. — Tens razão quando dizes que a melhor forma dos cinéfilos portugueses mostrarem o reconhecimento pelo esfôrço que *Animatógrafo* representa é divulgarem a revista e arranjarem o maior número possível de assinantes e compradores. — *Rapsódia de Prata* tinha de-facto a presença de Sonia Henie e Tyrone Power a impô-la à nossa simpatia e, sobretudo, a música lindíssima de Irving Berlin, que é sempre uma atracção incontestável.

HEATHCLIFF. — Entendido: o pseudónimo de *Raffles*, que propunhas, fica sem efeito, por já haver um leitor que o usa. — Pelo que me dizes, já deves ter matado saüdades de Deanna Durbin. Parabéns, amigo. — Transmito, a *Kallikrates*, as tuas saüdações.

ALICE BOAVIDA. — «Ignácio da Purificação» é, de-facto, uma personagem viva... — Claudette Colbert tem 36 anos. Podes escrever-lhe para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia.

LOIRO STROGOFF. — Registei o teu «enérgico protesto» contra a demora do correio. Mas tem paciência amigo, já que outra coisa te não pode valer... — Êste leitor anseia por ter uma correspondente em Lisboa, com quem possa trocar impressões sôbre Cinema. Espero que alguma das minhas leitoras anua ao pedido dêste cinéfilo nortenho, pois talvez, tendo êle com quem conversar, se não «zangue» comigo, quando as respostas tardarem. — Quanto à outra pregunta: «se tenho consulentes em determinada cidade do País», tem paciência mas é segrêdo profissional...

CONDE MISTERIOSO.—Outra carta tua! Uma datada de 4 (a que respondi atrás) e esta 5! Se todos os leitores fôssem tão pródigos a escrever-me, já estava sepultado no Alto de S. João com uma lousa feita de envelopes, a cobrir-me... — A tua carta é um arroubo amoroso, em louvor da Judy Garland! Que te posso dizer: que tens muito bom gôsto! — «Se estivesse na Cinelândia, qual estrêla preferia beijar?» A tua pregunta é extremamente embaraçosa. Vou pensar e um dia te direi... — Transmito a *Miss Século XX* que o seu pseudónimo te inspirou uma novela. Ela vai ficar por certo desvanecida...

BEL, O PIRATA. — *Honolulu* é uma comédia muito engraçada e notàvelmente bem feita. — Tem paciência, mas não acredito que tenhas achado *Mulheres* um filme maçudo. Fôste vê-lo, por certo, em dia de arrufo com a namorada, ou então depois dum jantar indigesto... Não sei se sabes, que a ementa do jantar tem uma influência decisiva sôbre a apreciação dos espectáculos cinematográficos! — O facto de *Mulheres* ter mulheres a mais não me parece um defeito. Mas enfim, tu não gostaste, e estás no teu direito. Mas se um dia fôres ver o filme com uma pessoa que te chame a atenção para a respectiva intenção satírica, para os símbolos da Humanidade que aquelas figuras representam, para o desempenho notável de tôdas elas, e para a espantosa realização de Cukor, então, amigo, serás o último dos eborenses, se não disseres: «Apre! Isto é cinema — e do bom!».

BOB TAYLOR. — Espero que os *Três Furacões* ressurjam nas colunas de *Animatógrafo*, quais mosquiteiros, batendo-se pela sua dama: a Sétima Arte. — Êste leitor saúda, *Benjamina*, *Miss Século XX*, *Princesa dos Diabretes*, *Melita Sarreia Cabral*, *Maria Madalena*; deseja cartear-se com *Eterna Garota*; e pregunta a *Antinea* se o autoriza a continuar a corresponder-se com ela.

FOTOGÉNICA. — Eu sou como o cometa que há dias veio visitar a terra. Existo, mas ninguém me vê. Como seria possível, pois, descobrirem-me, na Redacção? — Com que então lamentas o argumento de *Pão Nosso?!* Que o filme é mau: é um facto. E contra factos, não há argumentos...

CINDERELA. — Viva a *Gata Borralheira* desta Secção! Como poderia esquecer-te?! — Achei curiosas as impressões que me comunicas, do que se passava contigo anteriormente à aparição de *Animatógrafo:* «comprava a *Cena Muda*. Mas o que ficava a saber?! Nada, absolutamente nada!» *Animatógrafo* veio em boa-hora para preencher essa lacuna. — O Robert Stack que deu no gôto às minhas leitoras. Já são tantas a falar-me nêle... É a minha vez de dizer: «Oh! boy!... Oh! boy!... — Não duvido, nem por um instante de que tenhas um perfil grego e uma compleição cem por cento americana. Desde que os Estados Unidos estão a auxiliar os gregos, a associação dessas duas características não é de estranhar... Ainda hei-de ver a Venus de Milo, em mármore, a dançar o *swing*...

FOTOGÉNICA. — Outra carta! Daqui a pouco, começam a dizer que faço batota! — «Sôbre Cinema, nada tenho para te dizer. Dizes-me tu alguma coisa?

JARV, O ESTRANGULADOR. — A minha saúde é excelente, mas muito arripiada com o frio que tem feito. — «Três preguntas de algibeira», escreves, com o ar de quem diz: vamos lá arreliar o «Bel Tenebroso»... Não, nessa não caio eu. Acredito lá que te interesse saber quem foram os intérpretes de *Desfile Tropical*, *Amor de lei* e *A Deusa da Floresta*... Ficaria a pensar muito mal do teu interêsse pela Sétima Arte. Se são estes os problemas que te afligem ou as dúvidas que desejas ver aclaradas, palavra que não merece a pena manter uma secção como esta!

DURBINÓFILO. — Os protagonistas de *O Homem que eu matei*, de Lubitsch, foram Silvia Sidney e Philip Holmes. — Claudette Colbert tem 36 anos incompletos. — Deanna Durbin nasceu em Winnipeg, no Canadá. É inglesa, portanto. Mas deve estar naturalizada americana.

UMA ADMIRADORA DE TINO ROSSI. — Tenho igualmente uma grande satisfação em tornar a reler-te. — Inimigo de Tino Rossi, eu?! Não creias! Mas admiro mais a espôsa, a lindíssima Mireille Ballin. — Não creio que vejamos esta época o filme argentino baseado na vida de Carlos Gardel. — Gostaste de *Mulheres*. Ainda bem. É incontestàvelmente, um bom filme.

BENJAMINA. — Faço votos por que já tenha retomado a sua posição de assídua freqüentadora do espectáculo da tela, o que equivale a dizer que desejo o rápido restabelecimento da sua doente. — Quando passará por cá a Lamour?! Não sei. No entanto, estou certo de que ela, se viesse a Lisboa, cantaria só para mim «Moonlight and Shadows», ainda que o céu estivesse negro e chovessem raios e coriscos... — Transmito o seu comunicado: «Benjamina agradece tôdas as solicitações de correspondência que tem recebido, por parte dos leitores. Mas está proibida pelos médicos de se cartear com outra pessoa, que não seja eu — e isto atendendo às propriedades emolientes e rádio-activas das minhas missivas». — A Judy Garland figura no número das minhas vedetas favoritas. Se não tivesse receio de escandalizar os Deannófilos, aqui lhe confessaria pùblicamente que a prefiro a Deanna Durbin. Até me esqueço do seu «piquant» estrabismo...

TÍMIDO. — Transmiti a António Lopes Ribeiro o teu aplauso à ideia da mobilização da «Velha Guarda». — Como vês, cá estamos os dois, tu cá, tu lá, como tanto querias...

EU TENHO UMA FRANÇA. — Que pseudónimo tão estravagante, e tão paradoxal, no momento presente! — Os protagonistas de *Katie* foram Dannielle Darrieux e John Loder. — Judy Garland: Metro Goldwin Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Êste leitor deseja corresponder-se com leitoras desta secção.

AMO UMA M. A. — Como sabes, só se podem formular três preguntas concretas em cada carta. Porisso, apenas te dou os nomes dos realizadores de três dos filmes da lista imensa que me envias. *Regresso ao lar:* Henry Decoin; *A Patrulha da Alvorada:* Howard Hawks; *Não se fala noutra coisa:* John Ford. — Não fiques zangada, mas a correspondência é tanta, que não posso, até a pôr em dia, deixar de observar a regra n.º 1, que rege as relações dos meus leitores com a minha pessoa...

DOIDO COM SORTE. — Gostei muito da quadra que inicia a tua carta: «À Loy escrevi/ Em Outubro um ano/A foto não vi/ Resposta não tenho»... O teu pseudónimo está justificadíssimo. Com quadras destas, há «doidos», que não têm a sorte de andar à sôlta... — Um estadista inglês que já morreu tinha esta máxima: «quando uma coisa não se resolve à primeira, tenta, tenta sempre, tenta mais uma vez»... Torna, pois, a escrever à Myrna Loy para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — *Eterna Garota* está bem e, provàvelmente, recomenda-se... É tudo quanto te posso dizer sôbre a sua pessoa!

DOIDO COM JUIZO. — Quando recebi as tuas cartas, tanto a Josephine Baker como o Jean Murat se não encontravam já em Paris. Rasguei-as, pois, conforme me dizias. Podes escrever à primeira para o Teatro da Trindade, Lisboa, pois consta-me que ela ali se exibe nos primeiros dias de Março. — Estou informado de que Maria da Graça vai brevemente começar a enviar as fo-

(Continua na página 16)

PANORÂMICA

Uma carta

Do sr. Jorge Guimarãis Daupiás, recebeu o Director do «Animatógrafo» a seguinte carta, que transcrevemos com o maior prazer:

Li com interêsse o seu artigo no «Animatógrafo» de 27 de Janeiro p. p., de que só agora tive conhecimento.

Felicito-o e felicito-me pelo interêsse que dedica à nossa língua. Entendo que a correcta formação das palavras técnicas só se pode ùtilmente estabelecer pela colaboração dos técnicos e dos filólogos e aplaudo o seu propósito de colaborar nessa feitura.

Deixe-me dizer-lhe que se encontrou, com regozijo seu, no Vocabulário da Academia, as palavras que cita relativas à sua arte, é simplesmente porque eu as introduzi na 5.ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo, obra que dirigi e que saiu agora completa em fins de Dezembro p. p.. Dali foram extraídas. V. Ex.ª mostra que só conhece a 4.ª edição.

Notei, com desvanecimento, as suas indicações de palavras da arte cinematográfica ainda não averbadas, e aproveitá-las-ei em trabalhos que tenho actualmente entre mãos.

Com razão não figura no Vocabulário da Academia o têrmo cinéfilo. *Registei-o no Cândido de Figueiredo bem como na Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, cujo dicionarista sou, por ser palavra que se usa e não porque a aprove, pois é vocábulo a meu ver mal formado. O philos grego deu em português um verdadeiro sufixo, que é* ófilo. *Assim o que gosta de icones é* iconófilo *e não* iconéfilo, *o que se regala com iscas será* iscófilo *e não* iscáfilo, *a menina que morre pelo cinema é* cinemófila *e não* cinemáfila *nem...* cinéfila; *correctamente falando seria* cinófila. *Acontece que a série de* cinófilo *e* cinófobo *já está ocupada com outro sentido e origem, que é o amor e desamor aos cães. Para evitar duplicação, inclino-me para* cinemófilo, *ou ainda* cinematófilo.

Tem tôda a razão quanto ao cinematografiar. *Deixei-o no* Novo Dicionário *porque já lá estava, e a obra não é minha. Nem sei porque o registou Cândido de Figueiredo. Precipitação, sem dúvida, influenciada pelo francês* cinématographier, *que também contaminou o Vocabulário académico. Nós temos* grafar *e não* grafiar.

Renovando-lhe o meu parabém pelo seu judicioso artigo, subscrevo-me com muita estima e consideração,

De V. etc.

JORGE GUIMARÃIS DAUPIÁS

Supomos ser um tanto ou quanto tarde para extirpar o cómodo «cinéfilo», embora o «cinemófilo» nos soe gratamente, e possamos fazer a tentativa de o introduzir. Mas creio que estamos a horas de correr com o «cinematografiar», que o nosso ilustre correspondente atribui a francesia — o que não deixa de surpreender em Cândido de Figueiredo.

De facto, só possuímos a 4.ª edição do seu «Dicionário» e congratulamo-nos por saber que a 5.ª já contém tôdas as palavras que nos foi grato encontrar no «Vocabulário» da Academia.

Prometemos, aliás, tratar a fundo o problema, e já nos foi assegurada, para tão árdua mas tão necessária tarefa, a preciosa colaboração do sr. Prof. dr. Agostinho de Campos.

Uma conferência

A convite do Instituto Francês, António Lopes Ribeiro fez uma conferência na sede daquele organismo, na passada sexta-feira, subordinada ao tema «O Cinema Português e os seus problemas».

O nosso director expôs e comentou alguns dos temas que lhe são mais caros e que mais o preocupam, chegando às seguintes conclusões:

1.ª — Que não é possível haver uma arte cinematográfica portuguesa sem que se crie uma indústria cinematográfica nacional.

2.ª — Que só da continuidade dessa indústria pode resultar um aperfeiçoamento sensível na qualidade artística dos nossos filmes.

3.ª — Que o «tema cinematográfico» é o elemento fundamental dum filme.

4.ª — Que os realizadores portugueses devem enquadrar-se rigorosamente dentro de temas especìficamente nacionais, por serem decerto êsses os que êles melhor podem sentir e fazer sentir.

E para demonstrar a variedade de fontes de inspiração que Portugal oferece ao cinema sem sair sequer da rusticidade, fez projectar no final da palestra o filme «A Aldeia mais Portuguesa de Portugal», que considera um verdadeiro repertório de temas à disposição dos nossos realizadores.

A assistência seguiu com o mais vivo interêsse o conferente, que o sr. Raymond Warnier apresentou com palavras de grande gentilza.

Um lapso

Por simples lapso de revisão não saíram as iniciais de Domingos Mascarenhas na parte que lhe coube da apreciação do filme português «Pôrto de Abrigo» publicada no nosso último número: o Argumento e a Planificação.

Aqui fica o resgate, para que tudo o que nestas páginas se publica tenha autor a quem deva ser atribuído.

A taça

A lindíssima Taça do «Animatógrafo», cuja fotografia publicamos na página 6, foi cinzelada, segundo o projecto de António Soares que demos num dos números anteriores, nas oficinas da firma «Pratas de Arte», da Rua da Misericórdia.

É uma obra que honra os cinzeladores portugueses e o nosso amigo Augusto Luiz de Sousa, filho dum dos mestres-lavrantes dessa magnífica indústria, em que Portugal figura à cabeça de tôdas as nações.

A Taça está exposta numa das montras daquela casa antes de ser entregue ao seu detentor.

Pequena história duma produção

Um novo filme português começou a sua carreira cinematográfica. O público acorreu a vê-lo, com aquela animadora curiosidade e aquele decidido interêsse que tem manifestado por todos os filmes portugueses, sem excepção. Julgou-o como entendeu, disse o que lhe aprouve — e é êsse o seu indiscutível direito, embora nem sempre use dêle com justiça. A crítica apreciou-o ao sabor da sua disposição de momento, salientou qualidades ou defeitos, ocultou umas ou outras — e êsse direito já é mais discutível ou, pelo menos, mais delicado de aplicar. «Animatógrafo» entregou a apreciação do novo filme aos seus quatro críticos habituais, distribuindo-a em capítulos que constituem, de certo modo, a «especialidade» de cada um dêles. Não informou prèviamente nem deformou posteriormente os resultados dessa análise qualitativa. Nem sequer os reüniu ou consultou. E congratula-se por ter verificado que dessa técnica inédita e atrevida não resultaram contradições nem repetições.

Mas alguma coisa faltou dizer àcêrca de «Pôrto de Abrigo» que convém que seja dito, pelo magnífico exemplo de profissionalismo e de amor ao cinema que representa: as condições em que foi decidida e conduzida a sua produção.

A Lisboa-Filme dotou o nosso país dum laboratório cinematográfico que deve ser orgulho de todos nós, construído à custa do sacrifício pessoal dos seus sócios, que são também os seus técnicos, sem emitir acções nem prometer mundos e fundos. Fê-lo com a convicção do futuro que espera, «se todos quisermos com muita fôrça», a cinematografia nacional. Não está arrependida, nem descoroçoada, pois sabe que conta com quem está disposto «a tudo» para que o sonho comum tenha a confirmação merecida.

Mas, em determinada altura, por descuido daqueles que, não se ocupando nem vivendo exclusivamente de cinema, deixavam amortecer perigosamente a cadência, já espaçejada, da produção, viu-se na contingência de parar de trabalhar, deixando à boa vida as dezenas de empregados e operários que mantem permanentemente e a quem paga com rigorosa pontualidade. E, para que isso não sucedesse, resolveu produzir ela própria, num pequeno estúdio que improvisou, um filme feito de sua conta, com o seu próprio dinheiro, sem esmolar distribuidores nem exibidores, para que o seu laboratório e o seu pessoal continuassem a ter trabalho e o cinema nacional continuasse também. Contratou técnicos e artistas, deu trabalho a muita gente que o não tinha e não ficou a dever nada a ninguém.

Tal atitude parece-nos tão digna e tão respeitável, que dificilmente acreditamos no que nos dizem: que alguns profissionais de cinema, esquecendo as trancas dos próprios olhos, vêem argueiros nos olhos dos que fizeram o que êles, em idênticas circunstâncias, não eram, com certeza, capazes de fazer. E que se deleitam com piadas fáceis, e exageram insuficiências, e se congratulam com o que deveria entristecê-los, como a nós.

Não acreditamos. Recusamo-nos a acreditar!

Porque, se de facto é assim, não serão êsses os que merecem que exista um dia alguma coisa a que possa chamar-se Cinema Português.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A PÁGINA DOS NOVOS

O PROBLEMA DA UNIÃO DO CINEMA LATINO

Este nosso artigo hoje foi-nos sugerido pela leitura de um dos últimos números do «Animatógrafo», em que tanto se fala — e com oportunidade e visão — da União do Cinema Latino.

Positivamente, essa campanha feliz de António Lopes Ribeiro vem no momento oportuno e todo o cinéfilo cônscio do seu papel lhe dará o incondicional apoio.

O cinema português, muito em especial, só teria a lucrar com tal empreendido, desde que êle se venha a tornar numa realidade. E disso estou convicto, porque a tenacidade e o prestígio de Lopes Ribeiro, é sempre uma garantia de êxito.

Confiamos pois, na realização da União do Cinema Latino, e nos seus resultados práticos. Independentemente disso porém, ouso chamar à luz da discussão um outro problema, que reputo de grande interêsse para a cinematografia nacional: o inter-câmbio luso-brasileiro.

Embora realizadores portugueses tenham já trabalho firmado em terras brasileiras; embora iniciativas particulares nos tenham dado já a certeza de que o Brasil e Portugal podem ser dois excelentes países produtores — a verdade é que o cinema dos dois países irmãos vive muito afastado um do outro.

Na sétima arte, como em tantas outras manifestações da vida, o Brasil vive separado de Portugal, como se o Oceano fôsse bastante para assim nos isolar, a nós, que falamos a mesma língua e nos queremos como irmãos que de facto somos!

O mar não é razão para que as coisas de Portugal andem tão desconhecidas no Brasil, e vice-versa. E o mar não é razão para tal, porque com 1500, um português glorioso, sem possuir os meios vantajosos que a civilização nos oferece hoje, soube rasgar o negrume da incerteza e escrever o primeiro traço de união entre as duas nações amigas.

Portanto, seria de todo o interêsse que o «Animatógrafo» iniciasse uma campanha séria em prol do intercâmbio luso-brasileiro, a qual, estou certo, encontraria franco acolhimento por parte dos «fans» das terras de Santa Cruz.

Favorecidos pelo facto de falarem a mesma língua, brasileiros e portugueses — dois campos de actividade vasta, que ainda não deram mais do que uma pequena parcela do seu rendimento — podem, numa conjugação de esforços, garantir em absoluto a sua produção, e fazer mesmo «barreira» à influência de outros mercados.

Compete pois às publicações cinematográficas dos dois países lançar as bases para tal iniciativa, altamente salutar.

Animatógrafo», em Portugal; «Cinearte», Scena muda» e outras, no Brasil, podem, na verdade, contribuir eficazmente para que o intercâmbio seja uma realidade dentro de breve tempo.

De mais, alguns filmes portugueses conquistaram já o público brasileiro, e êste tem dado provas que se interessa pelo nosso cinema. E desde que é assim, parece-nos que a semente deve ser lançada à terra porque esta já tem o adubo suficiente

De braços cruzados, numa atitude de não te rales — o cinema dos dois países nunca passará de sonhos de verão de meia dúzia de «carolas».

Amigos brasileiros: Trabalhemos pelo nosso intercâmbio cinematográfico, conscientes das nossas possibilidades — que são muito mais vastas que a princípio se pode supôr!

EDUARDO SOARES

HINO AO CINEMA

Numa época melhor em que, embalados pelo optimismo, venhamos a viver, e até mesmo na que vivemos actualmente, não será o Cinema remédio para muitos males, solução para alguns problemas, lenitivo para bastantes dores?

O Cinema é um mundo novo que dulcificou e rejuvenesceu um mundo velho.

O Cinema penetra em tôdas as almas, até mesmo naquelas que são refractárias à sensibilidade artística e sentimental.

O Cinema opera verdadeiros milagres, como os da ressurreição dos homens e os da retrospecção das épocas.

O Cinema é a imagem da vida, o espelho da realidade; mas até às vezes, quando no cinema só há fantasia, essa fantasia torna a realidade menos insana.

No Cinema predomina uma trindade solidária e indissolúvel: — a cadência do movimento, o ritmo do som e a magnificência da côr.

O Cinema é como um sexto sentido do Homem que suplanta os seus cinco sentidos.

O Cinema é também a vida que não morre, que se não corrompe, é a alma divinamente materializada.

O Cinema, emquanto actua o encantamento da sua magia sublime (e até mesmo depois) arranca-nos à aridez da realidade e transporta-nos à sumptuosa multiplicidade da fantasia.

O Cinema é o meu drama, a tua tragédia, a comédia daquele — é a tragicomédia da vida que desfila diante dos nossos olhos, impressiona as nossas almas, sacode os nossos corações e perturba os nossos cérebros.

Tornemos o nosso Cinema também Grande. Auxiliemo-lo em tudo que esteja ao nosso alcance.

RUBEN CONSTANTINO

LORETTA YOUNG vai casar!

Loretta Young vai casar!...

Com 27 anos, não podia eximir-se à influência do meio em que vivia e, se tanto resistiu, foi por um grande desgosto, uma enorme desilusão a oprimir.

Cada filme que juntava aos já bastantes da sua carreira, cada novo êxito a compensar-lhe o esfôrço dispendido, alcançavam nela apenas um banal sorriso, como se tudo lhe fôsse indiferente, como se o seu pensamento andasse muito longe, a deambular pelas regiões dos sonhos.

Duas ambições — só duas! — animaram sempre a vida de Loretta.

Radiante, deixou-se mirar pelas câmaras da «Fox» quando a viram pela primeira vez; era o início da realização das suas aspirações.

Mas os anos foram rolando, a esperança foi-se apagando, a jovialidade com que todos os dias penetrava nos estúdios foi-se diluindo.

Casou-se; era uma criança ainda — 18 anos devaneadores, ávidos de ventura. Mas também aí, o desengano a esperava. Grant Withers não soube estimar a mulher que era Loretta nem dar-lhe o que a sua alma veementemente cobiçava e o divórcio impôs-se, divórcio a que ninguém prestou atenção de maior, em que ninguém compreendeu nem descobriu a tragédia daquêle coraçãozinho.

Finada toda a ilusão, a vida para Loretta perdeu todo o interêsse. Não mais um sorriso lhe iluminou o rosto, lhe despontou na comissura dos hábitos. Era uma mulher que renunciava à felicidade e se submetia, sem um queixume, à tirania do destino.

Mas Loretta era bonita, com os seus grandes olhos sonhadores, beirados de longos cílios, as suas faces de linhas duras mas correctas, com os seus lindos e compridos cabelos negros.

Envolta na sua melancolia, não passava despercebida aos olhos masculinos de Hollywood.

Porém, todos respeitavam a sua grande dor oculta; Loretta era quási uma sombra de si própria.

Realizadores, artistas, técnicos, todos se surpreendiam com a mudança enorme e rápida de Loretta, quando à realidade sobrepunha a máscara da fantasia.

Era a antiga Loretta que renascia, quando a luz dos potentes projectores banhava o seu corpo elegante.

Foi talvez, por isso que Tyrone Power, habituado a vêr em Loretta uma indiferença tão grande pela existência, a estranhou em «Suez» e tentou penetrar no mistério daquela alma, esboçando um «flirt».

E a pobre Loretta, sentiu despertar em si, de novo a esperança, a possibilidade de ter um pouco de ventura.

Tyrone abandonou-a, é verdade; mas no seu coração, inerte há muito, ressuscitara o desejo de ser feliz.

E assim, Loretta vai casar pela segunda vez.

Que lhe reservará o futuro? A felicidade que merece?!...

Êle se encarregará de vo-lo mostrar.

Daqui vão os nossos sinceros votos de que, um dos magnates da «20th Century Fox» se lembre de realizar um filme sôbre a figura quási lendária de «Joana d'Arc», entregando a Loretta, a protagonista e Tom Lewis lhe dê o filho a que tanto aspira — as duas únicas e modestas ambições de Loretta Loung como artista e como mulher.

CONDE MISTERIOSO

CORREIO DOS NOVOS

MANECAS — O seu artigo é um bocadinho exagerado, e repisa um assunto que muitos outros têm tratado. Há que procurar ideias originais.

ANOTADOR DE IMAGENS — O seu artigo é bom e vai ser publicado.

OUBLI — As suas notas sôbre Leslie Howard não trazem qualquer novidade.

PAR INVISÍVEL — Bom, o artigo contra o intervalo a meio das fitas. Andem-me com êle!

LOURENÇO OLIVEIRA — Dum modo geral, não nos interessam muito os artigos sôbre os artistas de cinema que se limitam a elogiá-los e a resumir a sua biografia.

DUARTE MARVEL — Bravo, pela sua sanha contra os malditos intervalos a meio dos filmes! «Animatógrafo» ainda não disse a última palavra a tal respeito, e há-de acabar com êles, custe o que custar. O seu artigo será, portanto, publicado, embora com retoques.

JERÓNIMO — O último artigo que mandou é inferior aos anteriores. Além disso, insurge-se contra filmes portugueses que não merecem os seus impropérios. Não conte com a sua publicação.

XANDA — Não foi para evitar a «concorrência», como diz, entre os nossos leitores e o camarada Lemos que recusamos o seu desenho. Recusamo-lo por ser fraco como desenho, embora revele imaginação, que merece aproveitamento da sua parte, contanto que aprenda a desenhar melhor. Espero que tenha, agora, percebido. E não tem nada que agradecer.

RETARDADOR

CINEMA PORTUGUÊS

NÃO HÁ BELA SEM SENÃO

Uma opinião pessoal àcêrca do problema da escolha de vedetas

As linhas que seguem vão, sem dúvida, desagradar àquela rapariga bonita que está à espera duma apresentação para entrar num filme, mas terão certamente o aplauso daquela rapariga feia que perdeu a esperança de trabalhar num estúdio.

Se preguntássemos a um poeta lírico a sua opinião sôbre a rapariga bonita, êle diria que Venus ficara destronada e que a verdadeira beleza — aquela que os seus versos cantam numa ascese insatisfeita — estava ali, oculta e humilde, porém merecedora de ser imortalizada pela Arte e que, dentre tôdas, o Cinema seria a mais digna de a universalizar.

Se preguntássemos a um filósofo a sua opinião, dir-nos-ia que entre a Beleza e a Glória há um abismo e que a primeira é transitória, tem a vida curta dum filme e, por êsse facto, devia ser cantada apenas pelo Cinema.

Se preguntássemos a um cinéfilo, responderia que entre a jovem bela e a rapariga feia, não haveria hesitação: escolher-se-ia a primeira, porque as plateias querem ver rostos bonitos e engraçados e não vulgaridades com que esbarramos a tôda a hora na rua.

Se nos preguntassem, a nós, qual das duas raparigas merecia fazer cinema, também não hesitaríamos, porém a nossa decisão seria oposta à do poeta, *à do filósofo* e à do cinéfilo. Escolheríamos a feia e — creiam — o público veria com facilidade que a razão estava do nosso lado.

★

Não é preciso conhecer arte, nem psicologia, nem caracteres, nem encenação, nem técnica cinematográfica, para se saber que a beleza exterior não passa na generalidade, duma ilusão, duma máscara por detrás da qual nada existe.

O vulgar e mais comezinho conhecimento da vida revela-nos que nem sempre a beleza tem como sinónimo as palavras inteligência e talento.

A mulher feia — com perdão das senhoras bonitas — possui, por dádiva da natureza, um dom especial: uma personalidade nítida — galardão divino que contrabalança a sua menor perfeição física.

Muitas mulheres cujo nome ficou gravado, a letras de oiro, na História e cujas efígies estão imortalizadas em quadros e esculturas célebres, não tinham beleza.

E nós, ao assistirmos à projecção dum filme, se analizarmos bem o rosto das vedetas, verificaremos que poucas, bem poucas, são, de facto, lindas. A maquilhagem, o penteado, a luz e a fotografia é que nos dão a sensação de beleza que o público requere. Assim acontece a Greta Garbo, a Ingrid Bergmann, a Lily Pons, a Judy Garland.

In illo tempore, quando as imagens não falavam, as artistas podiam ser, na verdade, apenas belas. Hoje, isso não basta: precisam de ter personalidade, temperamento «chama sagrada» que transforma uma mulher e uma actriz num génio da cena.

★

No cinema português tem havido — entre outras, claro está —duas pretensões de que discordamos: escolher galãs em rapazes de trinta anos que, na tela, aparentam não passar dos vinte, e seleccionar (oxalá ninguém se melindre!) raparigas bonitas

Não cometemos a indelicadeza de citar nomes — o que, aliás, não interessa — mas muitas estrelinhas do nosso cinema têm feito ver muitas estrêlas ao nosso público... apenas pelo facto de serem lindas... E tão lindas!...

Há falta de vida, ou falta de conhecimento de vida, no nosso cinema?

Porque se escolhem rapazes de pouca barba e sem o saber de experiência feito para papéis de galã, quando estes ,para o serem, de facto, só o podem ser por volta dos quarenta? Como convencer uma plateia com amores serôdios interpretados por jovens tímidos, sem à-vontade?

Como dar um papel vibrante a uma menina (das chamadas filhas-família) que só conhece o cinema pelo prisma romântico e que não tem alma para dar à arte que lhe exige, não devaneio, mas sacrifício?

Impossível!

O bonitinho é, antítese da Arte

E esta, convençam-se — vem sempre de baixo para cima; raras vezes de cima para baixo

★

Significa isto que a Arte vem do povo e no povo devemos procurar os verdadeiros talentos

Passemos em revista o mundo do cinema. Donde vieram Greta Garbo, Joan Crawford, Ginger Rogers? Do povo.

Donde vieram Lucinda e Ângela Pinto? Do povo.

Não esquecemos, porém, as excepções, que só contam como excepções: Elissa Landi veio da aristocracia e Rina de Ligrov também da aristocracia... Mas não é, de facto, essa a ordem natural das coisas.

Wilde foi um esteta, mas surgiu de cima, e não teve — talvez por isso — a profundidade humana e dolorosa de Dostoiewsky, que nasceu do povo.

Decerto é agradável sabermos a quem endereçamos os nossos aplausos quando nos agrada a figura que se agita na tela. Mas, artisticamente, nada se ganha com o critério havido na selecção. A Arte só respeita o artista — venha êle donde vier.

A Arte exige, portanto o nosso maior respeito.

★

A rapariga feia que perdeu a esperança de trabalhar num estúdio de cinema, diremos que não desanime.

Há quem ame e venere a Arte; não descoroçoe, portanto.

Pretendemos acaso dizer que a rapariga feia é a que tem condições e a rapariga bonita pode perder as esperanças de ser vedeta?

Entendamo-nos, por favor A rapariga feia... — Com licença. Vai a passar, na rua, uma rapariga bonita, tão bonita que justifica esta interrupção. Seguimo-la— com o olhar apenas, do alto da janela. E ficámos a pensar, convictamente:

— Ela é tão linda, tão linda, que bem merece que a aproveitem para o cinema...

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Sempre tive para mim que as «incompreensões ilegítimas» do público não merecem defesa. E nada me fará descrer dos motivos que tenho para pensar assim. Quando as suas reacções de agrado ou desagrado são injustas e injustificadas — ilegítimas, em suma — dá-me vontade de cair em cima dêle e malhar como em centeio verde, de me atirar a êle que nem Santiago aos mouros. Isto porém não quere dizer que o público não me mereça desde há muito especial ternura.

O público às vezes tem as suas razões. Muitas manifestações de desagrado ou mesmo só de indiferença por certos filmes, embora à primeira vista pareçam tudo quanto há de mais injusto, são afinal, se analizarmos melhor, absolutamente «legítimas». E por reconhecermos essa legitimidade é que o vimos defender

E veremos depois como essa atitude, desde que lhe procuremos as causas e as razões, envolve uma lição — uma lição a aproveitar.

Já não é a primeira vez que se atribue ao público uma antipatia declarada pelas fitas nacionais com histórias de saloios, fatos à moda do Minho e outras coisas no género. Isso mesmo tem feito com que os nossos homens de cinema andem por vezes às aranhas sem saber o que fazer. Todavia sofrem porque ainda não compreenderam bem as coisas. O público não detesta nada. Não há mesmo memória de qualquer dêsses filmes portugueses com saloios, romarias, arraiais, ter tido um entêrro de primeira classe, depois de uma assobiadela valente ou de uma pateada de estalo.

O fenómeno é só êste: o público quere acima de tudo nos nossos filmes os «nossos» ambientes. Afirmar-se o contrário é pura paisagem. Gosta de se «sentir em casa». E até se entusiasma a valer com saloios, romarias e arraiais — sempre que êsses elementos lhe sugiram interêsse e constituam história agradável e clara. Portanto, o que podemos dizer é que nos filmes portugueses o ambiente não pode deixar de ser português.

Quando o filme nacional toma aspectos de estrangeiro o próprio público sente-se com o direito de ter exigências.

Poderíamos apresentar casos típicos. Achamos, porém, preferível não fazer isso. É melhor acentuar mais uma vez que nos nossos filmes não pode deixar de haver um pouco de ternura portuguesa, um bom bocado de «gana» nacional. Vestir os nossos filmes com figurinos estrangeiros? Será possível, mas com cuidado.

Não tenham ilusões. O público acha muito mais graça «sentir-se em casa», entre os tarecos com que foi criado, num meio definido e conhecido do que em meios que não «sente», nem «compreende» — mesmo quando lhe surgem excelentes filmes estrangeiros. Muito pior se êles forem improvisados entre nós. E nesse caso, não é possível culpar a apregoada incompreensão do público. Há incompreensão sim — mas legítima. E a conclusão lógica só pode ser esta: é preciso que o nosso cinema pense em português, fale em português, sinta em português.

Fiquem-se, portanto, nos saloios ,nas romarias, nos arraiais — e aprendam antes a contar uma história com clareza, com nitidez, procurando interessar o público com figuras que digam alguma coisa e que tenham alguma coisa para dizer...

AUGUSTO FRAGA

CINEMA DE AMADORES

Elogio do Colorido

Sou bastante impressionável. Possuo porém a faculdade de não me deixar arrastar pela primeira impressão, por mais poderosa que ela seja. Penso e considero: valerá a pena interessar-me por isto, apenas porque me impressionou profundamente? Aceito desde logo a decisão tomada pelo meu exame de consciência, do que aliás nunca me arrependi.

Luto então, quando tenho de lutar, contra todos, em defesa do meu ideal, e luto muitas vezes sem necessidade de falar. Diz-se, que quem cala consente. Garanto que quem se cala vence quási sempre, e isto sem ser cabotinismo representa apenas uma manifestação pessoal.

Veio tudo isto, o que não é natural em mim, a propósito duma manifestação artística de que muito se tem falado e escrito e que me impressionou profunda e agradàvelmente.

O colorido no cinema!

A côr que nos prende, extasiados perante qualquer prespectiva, apenas porque nela há as mais diversas tonalidades, desde o negro profundo ao níveo e esplendoroso branco, venceu e convenceu no cinema de amadores.

Não me arrojo ao descôco de pretender fazer afirmações mais ou menos proféticas sôbre o colorido. Tanto não está em mim.

Limito-me apenas, e para tal solicito do leitor a devida premissão, a elogiar sincera e abertamente o regalo visual que o colorido nos oferece.

Ser-me-ia mais fácil, talvez, elogiar esta modalidade do cinema duma maneira mais clara, mais directa e concisa, mas confesso, era-me desagradável e atrevo-me a preguntar: Quando se tem amor por alguém será possível que ao dedicar-lhe as nossas primeiras palavras o façamos sem uma pontinha de sentimentalismo, se é que isto seja sentimentalismo? Não!

E eu, que sou sonhador, que adoro o cinema e que me apaixonei pela côr, seria capaz de escrever sôbre ela sem me deixar levar pelo sentimentalismo?

Mas abandonemos por instantes estas sonhadoras divagações e tomemos o espírito de qualquer materialista, porque a forma já a possuimos, para mal dos nossos pecados.

O materialíssimo estômago já está devidamente satisfeito, lancemos um olhar sôbre o jornal e resolvamos ir ao cinema.

Entremos e consideremos: Aqui ao menos descança-se um pouco e sempre se distrai o espírito.

Oh diabo! De tão materialistas que somos, esquecemos que possuímos espírito, mas já que o despertámos deixemo-lo divertir-se.

Por acaso o espectáculo é colorido.

E sem darmos por tal, sem sabermos porquê, sentimos dentro de nós, não a digestão do opíparo manjar, mas uma sensação de encandeamento. Somos como a borboleta que baila à roda da luz.

O encandeamento é mais intenso.

Bailamos na côr. O amarelo, o verde, o azul, o rosa. Um arco iris, uma sinfonia de côres.

Não seguimos a história, ela não nos interessa.

Observamos o azul do céu, o verde dos campos, o vermelho das papoulas, o rosado da face da mulher, o negro dos seus cabelos e o escarlate dos lábios dela.

A indumentária, os cenários, todos os pormenores têm para nós um encanto especial e à saída já somos sonhadores. Já somos adoradores da côr.

E isto porquê?

É que a côr é o complemento indispensável do espectáculo cinematográfico. Não a côr pálida e desbotada que por vezes a natureza se permite patentear-nos, não a côr macerada dos enfêrmos e dos dias pardos dum inverno sem graça mas sim a côr de certos aspectos que nem sempre podemos ver e que só o cinema nos pode dar.

Honra a êle por tão riquíssimo presente.

JOÃO MENDES

ACTIVIDADE

★ Devem iniciar-se brevemente no Ateneu oCmercial de Lisboa, as filmagens de um documentário romanceado cuja acção gira à volta da patinagem artística e que será dirigido pelo amador Jorge Rocha.

Parece que uma portuguesa foi contratada para Hollywood

O nosso camarada BEL TENEBROSO deu-nos parte do seguinte postal que, com a devida vénia, passamos a transcrever:

«Coimbra, 2 de Fevereiro de 1941.

Amigo Bel Tenebroso:

Acabo de saber aqui uma estupenda notícia: uma rapariga de Coimbra, Julieta Casanova, que hoje tem 21 anos, (mais dois do que eu) e com quem brinquei em miúdo, e que tinha partido para a América há dez meses, acaba de arranjar um contrato em Hollywood, segundo me comunica a família, que, no entanto, não sabe pormenores. Ela é muitíssimo bonita e fala muito bem o inglês. Gostaria que, no caso de saberes ou se vieres a saber qualquer coisa, me dissesses no «Correio». Ela prometeu escrever à família dentro em breve, e assim que o fizer peço-lhe que mande novidades para cá e eu logo as comunicarei co «Animatógrafo».

Um abraço de

«I LOVE YOU, HELEN»

Publicamos esta notícia sob reservas. No entanto, preguntamos: que lhes parece? Depois da popularidade de Maria Domingas em Hollywood e de Beatriz Costa em Hawai, uma portuguesa contratada para a capital do cinema!

Por êste caminho, daqui a dois dias os produtores de todo o mundo só pensam em Portugal!

TÍTULOS ILUSTRADOS



«HEROI DE ONTEM»



O famoso realizador Lyton Bar vai produzir um novo filme. A acção passa-se entre pescadores e o argumento é do célebre escritor Alfred Curtiz, que já em tempos fez uma peça tôda marítima. Lyton Bar mandou já adaptar a Nau, que em tempos mandou construir, a barco de pesca.

— O não menos célebre realizador Armand Myr Andy, entusiasmado com o êxito do seu primeiro filme «Our Bread», vai produzir outra fita que também serve para comer. A principal personagem é, pode dizer-se, o Atum e o filme desenrola-se desde o momento do protagonista ser pescado até entrar nas latas. Para um dos principais papéis vai ser convidado o Poeta Sevilha, que fará, com barbas e tudo, de Atum Tenório. A actividade nos «Unique Studios» vai ser grande e como se vão realizar dois filmes de assuntos marítimos o director de produção já mandou comprar seis alguidares mas de zinco, para não se partirem.

—Tem sido enorme a actividade linguística desenvolvida nas últimas semanas nos estúdios da Paladium Pictures. Os realizadores da Mesa n.º 4 consideram-se todos superiores aos planificadores da Mesa n.º 17. Os operadores da Mesa n.º 5 estão muito ofendidos com o facto de haver quem filme bastante melhor que êles. E os produtores da Mesa n.º 31 não levam à paciência que haja quem possa apresentar um filme ao público sem recorrer aos seus bons ofícios e sem precisar de seis meses de filmagem.

HOMEM SOMBRA

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

ROBERT TAYLOR VAI SER O NOVO «BILLIE THE KID» que BORZAGE dirige

«Billie the Kid», que King Vidor dirigiu para a Metro Goldwyn Mayer em 1930, e que John Mac Brown e Wallace Beery interpretaram com um realismo e uma fuga prodigiosas, deve ficar no Cinema como a obra prima da violência, de bravura, de ferocidade, espectáculo admirável de brutal vigor, como jámais o Cinema nos deu. Basta recordar a espantosa e inolvidável seqüência final em que os dois contendores, implacàvelmente, se exterminavam à bala, numa luta sem tréguas e sem quartel.

Pois «Billie the Kid» vai ser realizado pela segunda vez, também para aquela mesma emprêsa, agora em Technicolor, tendo por realizador Frank Borzage e por intérpretes Robert Taylor e Brian Donlevy, nos papéis criados por John Mac Brown e Wallace Beery na primeira versão, rodeados ainda por Ian Hunter, Gene Lockhart, Mary Howard, Lon Chaney J.or, Henry O'Neil e Cy Kendall.

«O Vingador», era êste o seu título em português, devido à incompreensão e aos preconceitos tolos dos exibidores foi estreado no Olímpia, tal como sucedera já a êsse espantoso «Bowery», a «Sombras», aos «Mestres Cantores», «Chapéu de Palha de Itália» e «Nas Garras do Vento», dois dos melhores filmes mudos de Clair, isto sem falar nesse maravilhoso «Pedro o Voador» que só no écran modesto, mas cinéfilo, do Salão Ideal, do Loreto, encontrou guarida!...

Filme de excepcionais qualidades, como acima se disse, «Billie the Kid», vai ser adaptado à tela com cuidados especiais para que não só não desmereça do valor do seu antecessor mas também o possa suplantar com méritos próprios. Frank Borzage, cuja competência não necessita de encómios, promete fazer obra séria e de promete fazer obra séria e de bom quilate. Por outro lado, a interpretação, que reúne um núcleo de excelentes artistas, pode enfrentar as responsabilidades do filme que se prepara Robert Taylor e Brian Donlevy não mostram receio de confrontos: os artistas de hoje são tão diferentes dos artistas de ontem! O papel mais perigoso parece ser o de Donlevy, que o público irá pôr em paralelo com a interpretação de Wallace Beery e analisar detidamente.

Como tudo demonstra, «Billie the Kid» está destinado a ser um acontecimento.

UM NOVO FILME DA CÉLEBRE SÉRIE DA «Família Hardy»

Iniciaram-se os trabalhos de filmagem da nova fita da série famosa da Família Hardy, que Mickey Rooney popularizou.

O novo filme intitula-se *Andy Hardy's Private Secretary* — Mickey já se permite possuir um secretário particular... — e nele aparecerá tôda a família: Ann Rutherford, Lewis Stone, Fay Holden, Sara Haden e um novo elemento, a pequenina Patricis Ann Baldwyn, filha da simpática Cecília Parker, que aos três meses, fez a sua estreia no cinema...

George Seitz, que à excepção dos dois últimos filmes da «Família Hardy» dirigiu tôda a série, é de novo o realizador da «Secretária Particular de Andy Hardy».

COISAS INDISCRETAS

MYRNA LOY já não é a esposa de Arthur Hornblow

Se havia em Hollywood casal mais considerado, mais feliz, mais unido, êsse era sem dúvida o dos Hornblow — Myrna Loy e Arthur Hornblow — ela uma mulher que trocara a vida boémia de outrora pela quietude dum lar encantador, êle um produtor de categoria, que vira o nome da mulher alcandorar-se ao mais alto degrau de glórias e de popularidade.

Pois bem. Êsse casamento, que durava desde 1936 — um verdadeiro «record» na vida conjugal de Hollywood — terminou. Myrna, inesperadamente, ante o espanto de tôda a gente acaba de pedir o divórcio. Ignoram-se as razões que a levaram a uma tal resolução, tanto mais que Hornblow continua a tecer à sua insinuante ex-espôsa, os mais simpáticos elogios...

Depois de Claudette Colbert-Joel Pressman e de Myrna Loy-Arthur Hornblow, qual será o casal que se segue?...

Mais divórcios

● Mischa Auer, depois de seis anos de matrimónio com Norma Tillmann, divorciou-se, para casar com Barbara Ellist.

● Depois de quatro anos de feliz casamento, a linda Gail Patrick pediu, em Reno, o divórcio de Bob Cobb, proprietário dos famosos restaurantes de Hollywood, os Brown Derby.

● Maureen O'Hara, a Esmeralda de «Nossa Senhora de Paris», divorciou-se do seu compatriota George Brown. Prepara-se para, em breve, se casar com John Shelton, um actor de segunda categoria.

● A bailarina Zorina pediu o divórcio do mestre de baile George Balanchine, que ela conhecera quando êste dirigia os bailados de «Revista de Goldwyn». Tinham casado em 1938.

● Depois de quatro divórcios, Constance Bennett, fiel aos seus propósitos, pediu outro, mais uma vez. O marido era o Marquês Henri de la Falaise de la Condraye, que fôra para Hollywood como marido de Gloria Swanson e que agora se encontrava em França. Constance vai casar com o seu inseparável Gilbert Rolland.

OS ÚLTIMOS ROMANCES

● Tony Martin, ex-marido de Alice Faye, e Lana Turner, ex-mulher de Artie Shaw, aparecem constantemente um com o outro, por tôda a parte.

● Robert Stack, o homem que primeiro beijou, no cinema, Deanna Durbin, em «O Primeiro amor de Gata Borralheira», anda doidinho pela belíssima Mary Beth Hughes.

● O mesmo acontece com a elegante e tentadora Betty Grable, que se desinteressou do conde Cassini, para só pensar em Victor Mature, o novo galã, que vimos em «Doidos à solta» e vamos ver em «1.000 anos antes de Cristo».

● Fala-se muito no romance Rosalind Russel e Fred Brisson. O último apaixonado sério de Rosy foi James Stewart, antes dêle conhecer Olivia de Hawilland.

● Garson Kanin e Katharine Hepburn estão pelo beicinho, falando-se até em próximo casamento. No entanto parece que a família de Kathy, com pretensões aristocráticas, não simpatisa muito com o caso. Katherine deve ser pessoa para se preocupar imenso com isso...

● Outro realizador apaixonado é Fritz Lang. A dona dos seus amores é a insinuante Kay Francis. William Gaston, John Mechan, Dwight Francis e Kenneth Mac Kenna foram os seus anteriores maridos. Fritz Lang está divorciado de Thea von Harbon, que é actualmente fotógrafa da UFA.

● Sylvia Sidney — que foi a primeira grande paixão de Fritz Lang logo que êste chegou à América — depois de se ter divorciado do actor Luther Adler, com quem casara em 1938, é agora a companheira inseparável de Franchot Tone.

● Marlene Dietrich continua fiel a Eric Maria Remarque, o homem de «Nada de Novo na Frente Ocidental».

● George Brent, uma das paixões sérias de Greta Garbo — quando da viagem desta à Europa, com Stokowsky, tôdas as semanas se falavam telefónicamente — depois de se ter desinteressado de Bette Davis só é agora a esbelta e perturbante Ann Sheridan. Para quando o casamento de Miss Oomph?

● Lew Ayres, o segundo marido de Ginger Rogers, anda apaixonadíssimo por Tina Thayer, a última grande descoberta de Frank Capra. O seu divórcio de Ginger deve ser pronunciado em Março.

● Freddie Bartholomew e Ann Gilles, a Becky de «Aventuras de Tom Sawyer», andam perdidinhos de amor.

E agora umas notícias dedicadas especialmente aos nossos redactores F. F., D. M., F. G. e F. R. (Vidé o número do Natal):

● Greg Bautzer, delegado do ministério público nos tribunais de Los Angeles, deve-se casar muito em breve com Dorothy Lamour.

● Ginger Rogers depois de se desinteressar do desenhador de modas Walter Plunkett e do milionário Howard Hughes, tem agora os olhos postos no famoso operador John Arnold.

● Bette Davis, como resposta à atitude de George Brent, aparece constantemente com Herman Nelson, um rapaz muito mais novo que ela.

● O romance de Eleanor Powell e o professor da Universidade de Los Angeles, Merril Pyl, já deu o que tinha a dar.

FITAS NA FORJA

● *FLIGHT FROM DESTINY com Geraldine Fitzgerald, Thomas Mitchell, Jeffrey Lynn, James Stephenson, Mona Maris, Johnathan Hale e David Bruce. Realização de Vincent Sherman. Warner Bros. (S. I. F.).*

● *ROAD TO ZANZIBAR, com Bing Crosby, Bob Hope e Dorothy Lamour. Realização de Victor Schertzinger. Paramount.*

● *HER FIRST ROMANCE, com Edith Fellows, Wilbur Evans, Jacqueline Wells, Alan Ladd, Judith Linden, Roger Daniel e Marion Kerby. Realização de Edward Dmytryk. Monogram.*

A FEIRA DAS FITAS

AS VIAGENS DE GULLIVER

(«Gulliver's Travels»)

As fitas de desenhos animados de grande metragem, pela sua natureza especial, têm até aqui consumido as histórias infantis mais «cinéfilas», Branca de Neve, Pinocchio e, agora, Gulliver.

As personagens dêsses contos de fadas, fáceis de caricaturar ou utilizar, prestam-se mais que quaisquer outras para ser movimentadas e aceitam, tal como os exagêros de formas, todos os efeitos saídos do exagêro dos sentimentos ou suas expressões.

Os irmãos Max e Dave Fleischer aproveitando a célebre história do viajante Gulliver que Jonathan Swift criou, ficaram a ter como matéria-prima principal da sua história um país de anões; e sempre que as suas personagens são caricaturas — e são tôdas excepto Gulliver, e os príncipes — a graça de atitudes, os pormenores da sua representação, a vivacidade e o dinamismo que apresentam, tornam-nas dignas de enfileirar ao lado das mais famosas personagens que até hoje tem sido criadas em desenhos animados. Dentre tôdas não queremos, no entanto, deixar de salientar o Pregoeiro da Cidade, os dois Reis, os Espiões e a Velha surda que são, na verdade, excepcionais. Quando as figuras pretendem ser humanas, talvez por castigo que pretende lembrar aos desenhos o seu domínio, tôdas perdem em valor, principalmente porque os desenhistas já não buscam emprestar-lhes graça e dinamismo mas sim naturalidade, «verdade» desenhada e movimentada, que é, claro, bastante utópica.

A encenação de Dave Fleischer é brilhante. Os cenários concebidos com notável fantasia, ricos de estilização e de côr e até como um cunho característico, um sabor a reino fantástico notável, contribuem brilhantemente para a representação; mas o movimento dos actores e a riqueza de «gags», o cuidado de pormenor de tôda a realização merecem referência elogiosa muito especial — principalmente pelas cenas que precedem o acordar de Gulliver, tôda a canção «All Well», o despertar da cidade, a marcha à procura do gigante e o trabalho para o transportarem.

A história foi adaptada para o cinema e planificada por uma equipa chefiada por Don Gordon que realizou trabalho de muito acêrto e com carradas de graça. Um acompanhamento musical muito feliz valoriza quási tôdas as cenas mas muito especialmente a marcha nocturna que é o maior momento do filme.

Gulliver desembarca numa praia com ondas «do seu tamanho» e contempla, depois, ondas do «tamanho dos anões»; há como êste, outros deslizes de perspectiva, mas todos do somenos. — F. G.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial

«AS VIAGENS DE GULLIVER» (Paramount)

— A encenação de Dave Fleischer.

— O «Pregoeiro da Cidade» pela sua graça e dinamismo.

— A canção «All Well» e duma maneira geral tôda a música de Cleo Robin e Ralph Ranger.

— Os momentos maravilhosos que precedem o transporte de Gulliver em Liliput.

«O SINAL DO ZORRO» (Fox-Filmes)

— A fotografia esplendorosa de ARTHUR MILLER.

— As decorações de THOMAS LITTLE.

— A encenação de ROUBEN MAMOULIAN.

— O magnífico duelo entre TYRONE POWER e BASIL RATHBONE.

«TOVARICH» (S. I. F.)

— A direcção de ANATOLE LITVAK.

— A planificação de CASEY ROBINSON e a montagem de HENRY DUST.

— Os cenários de ANTON GROT.

TOVARICH

(Tovarich)

Não conhecemos a peça de Jacques Deval, mas ficámos com uma ideia bastante nítida a seu respeito e certamente assás exacta — dizêmo-lo sem qualquer espécie de presunção pessoal! — depois de termos visto a sua adaptação cinematográfica produzida pela Warner — que, ao contrário do que muita gente supõe, é anterior a «Ninotchka».

«Tovarich» é uma comédia-tipo de *boulevard* e uma das peças mais perfeitas no seu género. Uma das mais perfeitas, não por dispensar as inferioridades do próprio género, mas porque contém, ao lado dessas inferioridades, qualidades magníficas de espírito, de construção e de intenção. É é essa coexistência em «Tovarich» das características do género *boulevardier* (certo artificialismo, excessiva simplificação, traçado convencional de personagens, situações e conflitos) com as qualidades atrás apontadas, que lhe valeu o seu enorme êxito parisiense e a consagração mundial de que êste filme foi a apoteose. Quere dizer: tanto contribuem para o agrado da obra junto das multidões as qualidades a que nos referimos como as tais «inferioridades», termo que empregámos à luz de um critério de ordem meramente artística.

O facto de fazermos estas considerações sôbre a peça a propósito do filme, implica a sua automática aplicação ao próprio filme. Empregámos êste «cordelinho» porque no filme a peça *está presente* quási a todo o momento. A concepção a que obedeceu a adaptação e a encenação cinematográfica encontra-se hoje ultrapassada (lembra-te, leitor, de «Mulheres», por exemplo); até se percebe, no filme, em que momentos o desenvolvimento da acção teatral era cortado pela queda do pano de bôca. Mas por outro lado, o comediógrafo americano Robert E. Sherwood (autor de «Reunião em Viena» e de tantas outras peças teatrais famosas) soube conservar aos diálogos a cintilação literária do estilo parisiense, e Carey Robinson, que cinematizou a peça, não adulterou o carácter *europeu* do conjunto. A encenação também muito contribuiu para que ficassemos com essa impressão. Foi uma sorte para Anatole Litvak terem-lhe dado para tema do seu primeiro filme americano um assunto europeu. Litvak não sentiu assim grande dificuldade de adaptação, e a película só ganhou, evidentemente, com isso.

Alguns momentos pareceram-nos francamente felizes, como a seqüência da lição de esgrima e tôdas as cenas do jantar, incluindo a entrada dos convidados. Esses trechos não saíram particularmente bem, apenas por obra e graça do realizador, mas em boa parte, por efeito da planificação e da montagem. Litvak no entanto, soube «marcar» as figuras e orientar a encenação com mão de mestre. Por isso conseguiu dar, em meia dúzia de planos e apenas com umas dez figuras, todo o panorama duma época e dum sistema: aquela reünião cosmopolita sintetiza magnificamente o «entre-as-duas-guerras».

Apesar de ser, para o público o principal atractivo, a interpretação é o ponto mais fraco do filme. Relativamente fraco, entenda-se. Claudette Colbert não pode «ir mal» em nenhum papel; no entanto a sua Grã-Duquesa Tatiana é demasiado terra-a-terra, não tem a «raça» que a rubrica exigia. Elvire Popesco, que criou a figura no palco, deve ter feito uma interpretação insuperável. Charles Boyer faz o «primeiro acto» flagrantemente mal. Mas resgata-se depois, e por forma a fazer esquecer o «desfalecimento» inicial — que aliás a legião das suas admiradoras de certo nem notará.

Com Basil Rathbone sucede o mesmo que à admirável Claudette: nunca sabe representar mal, também. Mas, desta vez ao contrário do que se verifica na criação de Claudette, o seu Gorochenko tem «raça» a mais. A cena final, especialmente, ganharia bastante se o comissário soviético não tivesse tão «principesca» distinção...

Os outros intérpretes — Melville Cooper (o banqueiro Dupont), Isabel Deans (Madame Dupont), Anita Louise (Helena Dupont), etc. — cumpriram muitíssimo bem.

São ainda de citar os nomes de Anton Grot (o decorador) e de Max Steiner e Leo Forbstein, o primeiro autor e o segundo director do acompanhamento musical. — D. M.

O SINAL DO ZORRO

(The mark of Zorro)

Foi com autêntica ansiedade que fomos ver esta nova versão dum dos maiores êxitos cinematográficos de todos os tempos — êxito «mudo» que deu, no entanto, muito que falar... Reconduzia-nos «O Sinal do Zorro» aos nossos primeiros tempos de cinemófilia exaltada, quando procurávamos (e achávamos) em cada filme razões que favorecessem, como na «cristalização», amorosa de Stendhal, o nosso entusiasmo pelo «claro-escuro animado» e nos confirmassem as suas condições de arte. E «O Sinal de Zorro» foi certamente uma das obras que mais nos convenceu da singularidade do cinema, e melhor nos desvendou os seus vastos horizontes de recreio social.

A saudade da versão silenciosa original prejudicou porém a visão desta, sonora e recentíssima. Sem querer, fizemos constantemente o paralelo entre as duas, a que viamos e a que evocávamos. E isso não pôde deixar de informar a nossa visão e não pode deixar de prejudicar a objectividade desta crítica.

Reparamos assim que Rouben Mamoulian, excelente encenador (embora nos tenha dado obras inferiores), se deixara, como nós, influenciar pela fita original, procurando seguir as pègadas de Fred Niblo, realizador do antigo filme. Seguiu-as na forma de apresentar as personagens, de as vestir, de as enquadrar e de conduzir o conflito, acção aventurosa e empolgante. Guarda-roupa e decorações são dum luxo e dum gôsto inexcedíveis. Certo vestido de Linda Darnell (exactamente o que veio na capa do último «Animatógrafo») é um esplendor de rendas negras, da mais perfeita fotogenia. Todos os interiores são cuidados com um esmero que honra os decoradores da Fox. E tudo isso é valorizado por uma das mais belas fotogra-

(Conclui na página 18)

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

(Continuação da pág. 5)

tos pedidas pelos leitores. Não estranhes, pois, a demora. — *Doido com juízo* deseja cartear-se com *Um admirador de Ginger Rogers*, nosso simpático leitor da Madeira.

PINOCCHIO. — Não creio que *Escândalo na Sociedade* tenha sido cortado. Às vezes, há cenas, que são inutilizadas, antes do filme sair dos estúdios. De modo que não estranhes as lacunas que encontraste. — «Acho o Leslie Howard muito bom actor, mas não o gramo! (sic)» Então, não te digo nada... — O Louis Hayaward é um artista correcto. Para mim, o seu melhor papel é o do filme *Meu filho e meu rival*.— Com que então as mais lindas vedetas da tela, na tua opinião, são a Rochelle Hudson, a Joan Bennett e a Sigried Gurie?! Aí está a razão porque o mundo se não volta: Quanto a mim, em matéria de beleza física, seleccionaria, à *priori* esta réplica de carne e ôsso às celebérrimas e lendárias «Três Graças»: Heddy Lamarr, Norma Shearer e Lana Turner! Que trindade, amigo, que trindade!

MICKEY ROONETE. — Já é a 4.ª carta que me escreves?! Então esta é, concerteza, a 4.ª resposta que recebes! — Não creias no casamento de Mickey Rooney. Não te lembras daquela frase dêle, a-propósito, num dos filmes da Família Hardy? «Se posso fazer muitas felizes, por que motivo hei-de fazer uma infeliz?!» — Não te posso informar sôbre as côres dos olhos das leitoras desta secção. — Envio a *Saüdade* os teus melhores cumprimentos.

BOB TAYLOR. — Estou convencido (a estatística não é o meu forte) de que detens a flâmula azul da assiduidade nesta secção. Tens, deixa-me dizer-te, dois rivais de respeito: *Rey... sem trono* e *Conde Misterioso*. Se há quem me escreva seis cartas, por semana! — Se a Ginger Rogers lêsse aquela passagem da tua carta em que dizes que ela é. «The girl more beautiful in the Universal» (sic), dir-te-ia, por certo, que pertence a RKO-Rádio e não à Universal, pois estaria longe de perceber que a apelidavas simplesmente da «mais bonita mulher do mundo!» — Escreve-lhe para RKO-Radio Picture, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. Mas deixa o teu inglês em paz... Escreve-lhe em português, que ela, se bem que não saiba patavina da nossa língua, percebe-te melhor, com tôda a certeza.

DINHAMÁ. — Tens razão: é no telhado do prédio n.º 65 da Rua do Alecrim, que tenho instalada a minha secretária, a coberto de olhares indiscretos. As únicas pessoas que me vêem são os pardais, que ali fazem ninho. E deixa-me dizer-te que é melhor privar com os pardais, que com certos melros que eu conheço... — Filmes que não deves deixar de ver, entre os últimos exibidos: *O primeiro Amor de Gata Borralheira, De Braço Dado, Sinfonia dos Trópicos, Rebecca, Robin dos Bosques*, etc. — Até à próxima, *Dinhamá!*

UM SONHADOR. — Maureen O'Sullivan nasceu em Boyle, Irlanda a 17 de Maio de 1911. — Corinne Luchaire tem 19 anos. — Irene Hervey, nasceu em Herwick, em Los Angeles, e chama-se na realidade, Irene Benlah Herwick. — Apreciei muito as tuas palavras. Espero breve carta tua.

BONECA VOLÚVEL. — Calculo as dificuldades de comunicações que há agora entre a Madeira e Lisboa. Porisso, dobradamente estimo as tuas notícias. — *Uma loira Madeirense* foi muito amável em te ter falado em mim, com tamanho interêsse. Acho que escreves com muita espontaneidade e, de facto, é essa uma das qualidades das tuas cartas. Vai escrevendo sempre que possas que eu te responderei com o maior prazer. — *A Vida começa amanhã* é um filme encantador, quási perfeito. E digo-te «quási», porque não gosto da fase final do argumento.

UMA LOIRA MADEIRENSE. — Escreves-me, dizes, ao som de uma canção da Dorothy. É uma homenagem tocante!... — Se eu não gosto da Ann Rutherford?- Que pregunta! Claro que sim! Gosto de *tôdas* (de *tôdas*, repara bem) actrizes da tela. Dos homens, é que embirro com Nelson Eddy, John Boles e Gene Raymond, o que é natural, se bem que admire a voz admirável do primeiro e a encantadora espôsa do terceiro que, como sabes, é a nossa simpática Jeannette Macdonald. — O Bing Crosby é um admirável cantor da rádio. — O Charles Trenet é um espantoso cantor, noutro género. Até hoje, interpretou dois filmes. E fala-se que virá em breve a Portugal, mas, sôbre isto, não há, por hora, confirmação??

PEDRO DAS MALAS ARTES. — Espero não morrer sem ver a ilha da Madeira e saudar as simpáticas e dedicadas leitoras desta secção, que conto aí em tão elevado número! — Escreve à Maria Domingas, a Elisa Carreira e a tôdas as outras vedetas portuguesas, por intermédio de *Animatógrafo*. — Transmito a *Uma Loira Madeirense* os teus cumprimentos.

PRINCIPE MIKAIL. — Entre o *Monte dos Vendavais* e a *Tôrre de Londres* não podes estabelecer qualquer espécie de paralelo. O primeiro é uma *obra excepcional*, dentro da produção americana. — As fotografias de *Bigamia* a que aludes são fotos de publicidade, que nada têm que ver com as cenas do filme.

AMAMOS AS MORENAS. — Noto que o teu pseudónimo passou do singular para o plural! Mau sintoma: a doença alastra. — Aqui fica o vosso pedido: estes leitores (são dois) desejam cartear-se com leitoras morenas desta secção. Aviso às interessadas: acautelem-se com os tempos do verbo que êles conjugam no pseudónimo... — Escrevam à Deanna Durbin para Universal Studios, Hollywood, Califórnia. Se querem ter a certeza de receber a foto enviem 25 cêntimos, por cada que solicitarem.

VAGABUNDO FILÓSOFO. — Os artigos dos «novos» não podem ser olhados por Vv., como se fôssem de jornalistas profissionais. A-propósito: porque não te resolves também a colaborar na simpática página, que criticas, com a maior simpatia e correcção?!

ZÉ ALICA. — Escreve à Maria Paula ,por intermédio de *Animatógrafo*, que lhe remeterá a carta.

ROSINHA DE TOUCAR. — Muito graciosa a tua carta, subscrita por um pseudónimo a um tempo tão modesto, tão florido e primaveril. As rosas de toucar lembram-me, ao pé das outras, as filhas daqueles pais menos endinheirados, que têm uma prole numerosa e que não os podem apresentar, por isso, com a ostentação com que vestiriam uma só... — Daqui por vinte ou trinta anos, quando desaparecer aquela geração coeva dos primeiros tempos do Cinema, já não haverá ninguém que diga mal dêle! Nós seremos, então, considerados os pioneiros dessa época... —Perde as esperanças de ver o *Ditador* de Chaplin, em Portugal. — Mickey Rooney: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — A letra da canção que mandaste já foi publicada, como viste. *Donanfer* agradecer-te-á.

JOÃO RATÃO. — O sr. Félix Bermudes é capaz de te pedir direitos de autor, pelo pseudónimo... — Aqui na Redacção não vendemos fotos de artistas. Não há nenhumas à venda. Salvo no formato de postal. — Breve serão publicadas as biografias que te interessam.

ALDEÃO MINHOTO. — A descrição que me fazes da tua aldeia tem qualquer coisa de cinematográfico. — Registo a tua adoração pela Deanna Durbin, «que ainda não tomou forma de paixão», o que é caso para te felicitar. Com efeito, de amores mal correspondidos anda o mundo cheio. — A palavra a que te referes quere dizer «convocada». — Parabéns, por teres recebido uma carta de Deanna Durbin.

ESTUDANTE COIMBRÃO.— Principais intérpretes de *Reporter à prova de Fogo:* Clark Gable e Myrna Loy. De *Revolta a Bordo:* Clark Gable, Charles Laughton e Franchot Tone. — Dois bons livros sôbre técnica cinematográfica: *Silence on tourne* e le *Technique du Film*, edição da Casa Payot. Não os encontras agora em Lisboa. — Em português, além de *7.ª Arte*, de Mota da Costa, que me dizes ter, não conheço mais nenhum. — Transmiti ao Director de *Animatógrafo* a tua sugestão sôbre os assuntos que desejarias ver versados. — Escreve à *Maria da Graça*, por intermédio da nossa revista.

JUAREZ. — Como deves ter visto, a página do Cinema de Amadores, é uma realidade. Espero que estejam satisfeito. — O nosso camarada João Mendes, terá, por certo, muito prazer em te dar a opinião sôbre o filme que pensas realizar. — *Juarez*, de *Paul Muni*, não se exibirá tão cêdo, entre nós. E agora uma liçãozinha de inglês: «Boa sorte», na língua de Shakespeare escreve-se «Good luck». Tal como escreveste, «bom lago», o que me parece pleonástico desejar, dadas as inundações que vão por êsse país fora...—Não amues com a piada... Já o Eça dizia que devemos falar as línguas estrangeiras «patriòticamente mal». E porque não esvrevê-las, de maneira idêntica?

PIRILAMPO. — Muito prazer em conhecer-te! — Êste «cintilante» leitor deseja corresponder-se com vedetas da tela. — manda os teus artigos para a Página dos Novos. Se fôrem bons, aparecerão! — Transmiti ao director de *Animatógrafo* o que me dizes sôbre o agrado incondicional que a nossa revista tem despertado.

DUAS FUTURAS AVIADORAS. — Com que então falaram ao Jean Murat? Êle é, de facto, um artista muito simpático. — Wallace Beery é um dos ases que mais se dedica à aviação. mas muitos outros têm o «brevet» de piloto, como por exemplo o Laurence Olivier. — A aviação, o cinema e a rádio são, quanto a mim, os mais belos poentes do génio humano do século XX. — As firmas americanas de cinema têm as suas sedes europeias a funcionar, provisòriamente, em Portugal. — Quanto a mim, a maior qualidade de Ray Milland é ter sido o parceiro de Lamour em vários filmes...

CALOIRO CINÉFILO. — Ginger Rogers é, incontestàvelmente, uma artista admirável! Na comédia, no drama, loira ou morena, é sempre uma vedeta com marcada personalidade e uma mulher perturbadora, que dá gôsto ver, — — A Deanna Durbin ainda não está casada com o Vaughan Paul, que é apenas, por ora, o seu «seveetheart» — Crês, então, que a voz de Deanna já foi melhor?! Não concordo. A voz das vedetas da tela é função da qualidade dos aparelhos de reprodução do som e até do estado de afinação e limpesa em que se encontram. Talvez não saibas que a intensidade da própria corrente que alimenta as máquinas projectoras influe poderosamente no timbre e limpidez da voz emitida! — Felicito-te pela forma como criticas e compreendeste *O 1.º Amor de Gata Borralheira* .

UMA ADMIRADORA DE DEANNA DURBIN. — Escreve à Deanna, a solicitar a admicionada foto, com o seguinte endereço: Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia.

«Animatógrafo» cumpre sempre o que promete!

UM ORIAM, ETC. — Resumi o teu pseudónimo. É muito extenso. A falta de espaço obriga-me a êste racionamento. Tem paciência, amigo. E escolhe outro mais sintético. — Escreve a Dorothy Lamour para Paramount Studios Hollywood, Califórnia. — Espero que tenhas visto *Tufão*. A Dorothy está linda, como sempre. Pena éé que não tenha um poucachinho mais de sorte com os filmes que lhe cabe interpretar. — Não me recordo de ter tido outra carta tua, anteriormente. Mas se a recebi, a resposta, a resposta, podes estar certo, já apareceu com certeza!

ROMEU NO ALVITEJO. — Estou convencido de que a estas horas, com a cheia do Tejo (que na terra onde vives costuma assumir proporções assuntadoras) já terias dados passeios de barco, sôbre a planície alagada, onde os eucaliptos, afloram, como arbustos aquáticos... — Na resposta anterior, lerás o enderêço da Dorothy Lamour. — Não necessitas de ser assinante, para que eu te responda. No entanto registo comovido a tua declaração: «se fôsse preciso deixarias de comer, para poder assinar *Animatógrafo*». Não digas mais, que já tenho as lágrimas nos olhos!...

SERRANA. — Respondo a uma carta tua, que andou de Herodes para Pilatos, por causa da forma como endereçaste: «Redacção do Animatógrafo — Século-Lisboa!» que confusão a tua! — Tenho o maior prazer em saber que, finalmente, te resolveste a cartear comigo. Ficarás incluída na infindível lista das minhas consulentes. Folgo porque, agora, tenhas possibilidades de trocar impressões comigo, sempre que quiseres. — Achei curiosa a tua opinião a propósito do inquérito «As Mulheres são assim?: «Os escritores e os jornalistas (dizes tu!) vêem-nos tal como somos. Os actores e actrizes, julgam-nos através das personagens caricaturais que têm vivido ou com as quais têm contracenado». Talvez tenhas razão. — Espero, com o maior interêsse, novas cartas tuas.

JANETGAYNÓRFILA. Hello! — Dos filmes portugueses é difícil dizer-te concretamente, qual é o melhor. Há que atender a muitos aspectos e circunstâncias várias, e até às datas em que foram filmados, se quisermos ser justos. — A vedeta que citas é, de facto divorciada. — Dois dos melhores filmes da época de verão? *Os Loucos Divertem-se* e *O Poder das Trevas*.

SCARLET. — Antes da próxima temporada não verás *Tudo isto e o Céu também*, de Irene Dune e Chares Boyer. — Para obteres o número 1 de *Animatógrafo* deverás dirigir-te directamente, num simples postal, à Administração da nossa revista. — Obrigado pela letra da canção que me enviaste. — Viste a famosa intérprete da persongem cujo nome adoptaste como pseudónimo?! Não é uma adivinha, embora pareça. Pregunto-te, apenas se viste a Vien Leigh. Parece uma daquelas bonecas que estão na montra da Kermesse de Paris. — Espero as tuas próximas cartas, num rítmo menos compassado.

UMA DISCÍPULA DE ARSENE LUPIN .— Quanto à tua pregunta, julgo poder informar-te: não! — Escreve ao Richard Green para 20th Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, California. — Não me importo pensam que eu sou um autêntico nada se as minhas consulentes «Frankestein». De injustiças e falsos juízos está o mundo cheio...

FOTOGÉNICA. — Respondo a uma certa em que me dizes as tuas desolações por não teres tido, à data, resposta às que me havias escrito. Espero que agora te encontres 100 por cento satisfeita — Cumprimenta, por mim, a tua amiga *Maria da Graça*.

PERIQUITA RAIVOSA — Até aqui, conhecia apenas a Periquita de Sintra, pelas suas excelentes queijadas. Tenho muito prazer em travar conhecimento com a sua homónima hidrófoba... — O Freddie Bartholomew nasceu a 28 de aMrço de 1924. Tem, pois, 17 anos incompletos. — Escreve-me mais vezes, pois já te inscrevi, como pedes, no número das minhas simpáticas consulentes.

MR. SATANAZ, REPÓRTER FANTASMA. — Tomámos nota das tuas preferências. — Quanto ao conselho que me pedes, prefiro não o arriscar. Fica ao teu critério.

BOB TAYLOR. — A tua carta tem nada menos de seis páginas. Por mais que as «espremesse», não tinham sumo nenhum.. Tem paciência, pois, porque passo adiante...

ESTUDANTE DE OXFORD. — Nada tens a agradecer. Estou aqui para responder a tôdas as consultas e trocar impresões com os meus leitores. — Linda Miranda não pôde interpretar o pa papel para que fôra convidada no *João Ratão*, por motivos alheios à sua vontade. — Sei que Jorge Brum do Canto pensa apro veitá-la num futuro filme.

BENJAMINA. — Também prefiro a Deanna-bébé, a Deanna de *Três aRparigas Modernas*, à Deanna-que-já gosta dos-beijos--de-Amor da fase actual. Mas repara, Benjamina, que esta é a Lei da vida: Tudo se transforma. — O 1.º «curso de férias»?! Onde irá êle... Os caloiros não têm, em regra, a seriedade precisa para as provas públicas. Foi rever *João Ratão* e a *Aldeia da Roupa Branca*, no mesmo espectáculo!? Mas que estravagância tão patriótica, Benjamina! — Espero que tenha gostado de *Robin dos Bosques*. O Errol Flynn está a prencher, muito bem, a vaga do saudoso Douglas. A sôr é, de facto um encanto. — Transmito as saudações que V. envia para todos os eitores que a têm cumprimentado e, em especial, a eMlita Sarreia Cabral, «por quem V. tem uma tão sincera simpatia».

PRINCESA DOS DIABRETES. — O facto dos espectadores chegarem tarde aos espectáculos pode considerar-se já um vício nacional. Repara tu, que mesmo num concêrto, onde sabem que têm que aguardar, nos corredores, que termine a execução da peça qu eestá sendo executada, é chegam tarde. — Achei muito enorme a percentagem dos que chegam tarde. — Achei muito curioso o aspecto que focaste, a propósito da conferência de Jean Renoir: teres encontrado, na sala, muitos dos teus professores e das tuas colegas, «desta vez, todos no mesmo plano, todos atraídos por um assunto que os irmanava: o cinema». — Tereza Casal não tem, por ora, a intenção de deixar Lisboa, pelo menos nestes meses mais próximos. — Saúdo, conformo pedes ,*Love Sick*.

CONDE AXEL DE FERSAN DA SUÉCIA. — Escreve a Betty Grable para 20th Century, Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia. — Patricia Morison: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — É enorme a lista dos filmes de Alice Faye. Os ms mais célebres foram: *A Avenida dos Milhões*, o *Incêndio de Chicago*, *Não se pode ter tudo* e *Sinfonias Modernas*. — Muito engraçada a história da tua vizinha milionária, que não compra o *Animatógrafo*, porque é «uma coisa supérflua», e o pede emprestado tôdas as quintas-feiras... Afinal, supérfluo, para ela, com efeito, é dispender os 1$50... pois se tu lhe emprestas, tôdas as semanas, com a pontualidade dum cronómetro, a revista dos seus amores!... — Êste leitor saYda *Scarlat*, *Fotogénica* e *Marília*; retribue os cumprimentos de Rey... sem trono; e manifesta o desejo de se cartear com as três eitoras, atrás mencionadas

I AM CHARLES BOYER. — Podes escrever às vedetas americanas, sempre que queiras. As carreiras com os Estados Unidos estão absolutamente asseguradas. — Merle Oberon: Unitel Artists Studios, 1040, Formosa Avenue, Hollywood ,Califórnia. — Jane Withers: 20th Century — Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia. — Maureen O'Hara: RKO-Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia.

LUIZ XV. — Com todo o prazer assinarei o teu álbum de autógrafos, desde que o deixes na Redacção, para êsse efeito. Dois ou três dias depois, poderás ir buscá-lo. — Caculo o teu desconsôlo pelos sucessivos números sem resposta. Mas um cinéfilo da tua têmpera, não desanima. Se ut visses a montanha de cartas que eu tenho para responder. pedias por mim, nas tuas orações. — A Rosalind e a Crawford, a-pesar--de tudo, são admiráveis», dizes--me tu. De acôrdo, principalmente se não as julgarmos pelos papéis que desempenham em *Mulheres* e se nos lembrarmos de que a Sylvia e a Christal são duas vedetas encantadoras. Mas se tu um dia fôres vítima, na vida real, das intrigas duma ou das falsidades da outra, nas suas versões portuguesas, talvez não digas que são adoráveis, muito embora os outros possam ser dessa opinião... — *Maria da Graça*, estou informado, não mandou ainda aos admiradores as fotos que estes lhe têm solicitado.

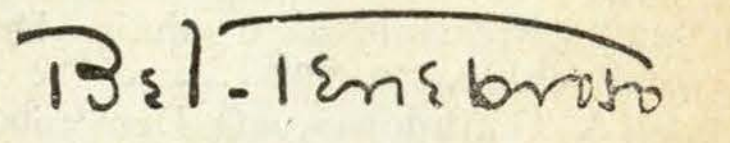
UMA CINÉFILA EBORENSE. — O António de Sousa de *Pão Nosso* é o mesmo António de Sousa de *Pôrto de Abrigo*, e o mesmíssimo intérprete de *Lobos da Serra*. Três filmes distintos, e um só intérprete verdadeiri! — Pelo que me dizes tem aí passado bons filmes, à parte *Pão Nosso*, que consideras justamente uma desilusão. — Transmito as tuas saudações a *Maria Cotovia* e *Deram-lhe uma espingarda*.

DONALDO. — Respondo àquela carta que me escreveste, quando estavas no rescaldo da gripe. E ou fôsse por causa da gripe, ou por ainda teres a mão pouco firme, o certo é que tive que fazer sérios estudos para perceber a tua carta. — Muito graciosos os teus comentários ao depoimento dos homens, no inquérito *As Mulheres são assim?* Ri, com alguns dêles. — Um rapaz de 21 anos não deverá ser admitido, possivelmente, no Clube do *Animatógrafo*, pois custa a crer, de facto, que aos onze anos, fôsse cinéfilo no sentido elevado da palavra: isto é que sentisse, conscientemente, a Arte das Imagens, e que olhasse o cinma como o seu espectáculo favorito .

LADY ENIGMA. — Só agora consegui perceber o teu pseudónimo ,que tanto me intrigou, quando da tua primeira carta! Vejo que és uma apaixonada dos livros «o eterno asilo de todos os descontentes e abandonados», a frase de Stephan Zweig que recordas tão a propósito. — A tua defesa da mulher, contra as que o filme de *Women* apresentou, «e que não passam (dizes tu) de neuropatas», é inteligente e convincente. Mas não vale a pena zurzir os homens, *Lady Enigma*... No fim de tudo, êles sabem, quási sempre, apreciar« as que não são descuidadas e que não têm a mono-mania do exibicionismo». Simplesmente: as mulheres são como as côres. nem sempre a mais vistosas e atraentes são as mais belas... E em rigor, as primeiras são as que desbotam mais... — Paula Wessely, e Anna Sten, não estão retirados do cinema. Tudo leva a crer que os vejamos em bons filmes, sobretudo a primeira.

GAROTA DE LISBOA. — «Cada número de *Animatógrafo* é um prazer novo!» Ai está uma opinião extremamente agradável, para quantos trabalham nesta revista. — Compreendo perfeitamente que tenhas «adorado» a actuação de Garbo em «Ninotchka»! «It's sensational!» — Transmiti as tuas saúdações a *Conde Axel de Fersan da Suécia*, *Raffles* e *Bob Taylor* .

RAFFLES. — Joan Bennett: United Artists Studios, 1040 Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia. — O filme que citas é muito mauzinho, de facto...



POSTA RESTANTE

CARTAS TRANSMITIDAS — Para *Uma Loira Madeirense*, (Funchal), 2 cartas; para *Moreninha Insinuante* (Funchal), 13 cartas; para *Adoro Madeleine Carroll*, 1 carta.

CARTAS QUE AGUARDAM ENDERÊÇO — Tenho em meu poder cartas para *Balaïka*, *Às de Copas* e *Donalda*. Aguardo que os destinatários me comuniquem os respectivos enderêços, para onde as deverei remeter.

As carreiras dos dois triunfadores de 1940

Greta GARBO e Leslie HOWARD

evocadas por Jaime de Castro

Que caminho prodigioso o percorrido por Greta Garbo desde o momento histórico em que, pela mão amiga e apaixonada do saüdoso Mauritz Stiller, abandonando o modestíssimo «deck» do Drottningholm pisa pela primeira vez o continente americano, senhora dum contrato mais que insignificante com que Louis B. Mayer a presenteara, até à posição verdadeiramente excepcional que hoje disfruta dentro do cinema.

Como vão longe os momentos difíceis das suas primeiras horas americanas, abandonada às suas recordações da pátria distante, desprezada por todos, mal vista pelos camaradas, que nela encontravam apenas uma intrusa e uma concorrente.

Daí o seu azedume, o seu inconformismo, o seu isolamento que, depois, se deveriam tornar lendários.

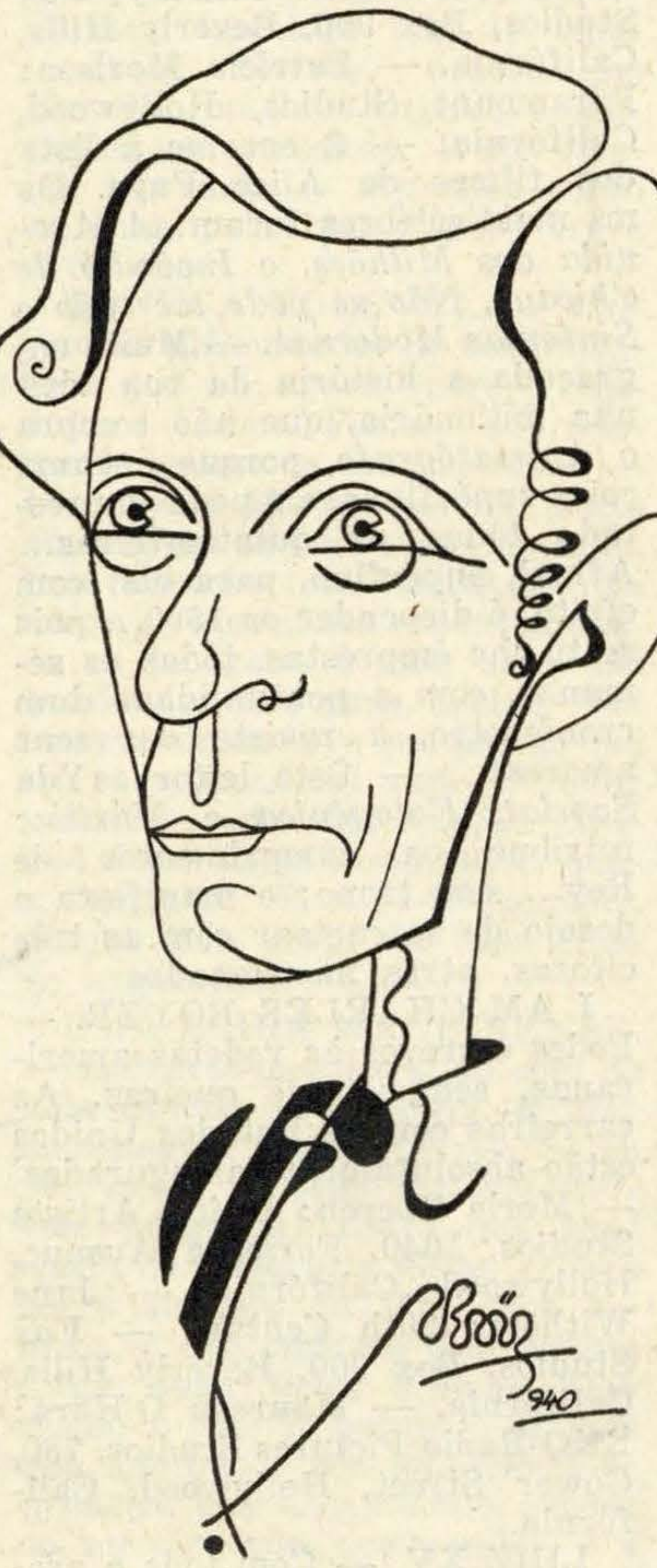
Tal era o panorama tão pouco propício, tão agreste, que rodeava a dolorosa protagonista da «Rua sem Sol», quando, quási a mêdo, por entre a desconfiança e a dúvida de todos, se iniciaram os trabalhos de realização de «Torrente», a sua primeira obra de Hollywood, o primeiro élo valioso duma cadeia que não mais se quebraria!

Na verdade, é digna de mais viva admiração, para quem, por instante se detenha a observá-la, a sua carreira transcendente, única, orgulho do cinema.

Nunca ninguém houvera que se lhe pudesse comparar, por mais nomes que a memória ofereça. Nem Mary Pickford, nem Norma Talmadge, nem Lilian Gish, nem Gloria Swanson, nenhuma das grandes vedetas de outrora, nenhuma das de hoje se pode orgulhar duma carreira mais longa e mais brilhante, mais prestigiosa e mais bem preenchida.

«A Tentadora», «O Demónio e a Carne», «Anna Karenine», «A Mulher Misteriosa», «Orquídeas Bravas», «O Beijo», «Romance», «Mata-Hari», «Grande Hotel», «Raínha Cristina», «Margarida Gauthier», «Maria Waleska», «Ninotchka», são nomes que dizem do seu talento, da sua personalidade, da sua inteligência, da sua sensibilidade.

Por isso, mais que merecida, justíssima, foi a distinção que Portugal, pela voz de «Animatógrafo», acaba de prestar a Greta Garbo, premiando-a com a medalha da melhor interpretação feminina, pela sua actuação maravilhosa em «Ninotchka».





LESLIE visto por ROIZ e GARBO vista por LAGINHA

★

«No cinema, um actor nada mais é que um autómato em frente da câmara. O realizador diz-lhe o que tem a fazer e entrega-lhe meia dúzia de linhas que êle debita em frente da objectiva. Um actor de cinema só faz o que lhe dizem para fazer, exterioriza uma missão, define um sentimento tal como o realizador o concebe.

«Ao contrário do que lhe sucede no teatro, não pode mover-se livremente, prêso à rigidez do campo da objectiva. O produtor e o realizador, êsses, é que são os verdadeiros artistas dum filme, pois são êles que possuem o contrôle de tôda a produção. São os chefes de fila. Nós os actores, nada mais somos que modestos e apagados obreiros.

«Para me sentir satisfeito comigo próprio, quando pressinto faculdades criadoras volto-me para o teatro, e interpreto uma peça».

Eis o pensamento de Leslie Howard a respeito do cinema, melhor, a respeito de interpretação cinematográfica. Claro que são afirmações propositadamente exageradas, generalizações excessivas, que não são de estranhar num actor de teatro, mais: um dos mais categorizados actores do teatro inglês, de linhagem artística dos Emlyn Williams, dos Robert Morley, dos Michael Redgrave, dos Laurence Olivier, habituais freqüentadores, também, dos estúdios ingleses e americanos.

Foi em 1917, depois de se ter invalidado na guerra, que Leslie Howard, até então modesto empregado de banco, ingressou no teatro, precisamente nas mesmas circunstâncias em que para êle entraram os seus compatriotas Herbert Marshall e Ronald Colman.

A carreira teatral de Howard repartia-se igualmente pelos teatros de Londres e de Nova York, onde fez desde o reportório moderno de Noel Coward e G. B. Priestley ao teatro de Shakespeare.

A sua estreia no cinema fez-se em Hollywood por ocasião duma das suas «tournées» à América, país onde, por assim dizer, tem decorrido tôda a sua carreira cinematográfica.

Leslie Howard foi o «partenaire» de Norma Shearer em quatro dos seus filmes: «Segredos», «Quando o Amor nasce», «Uma Alma Livre», «Romeo e Julieta»; e vimo-lo ainda em «Capturados!», «A Floresta Petrificada», (um filme notável, com Bette Davis), «O Pimpinela Escarlate» e «Fábrica das Ilusões», uma comédia deliciosa que era uma acerada crítica a determinados sectores do cinema americano.

«Pigmaleão», o filme que lhe trouxe a medalha de «Animatógrafo» para a melhor interpretação masculina de 1940, e «Gone With the Wind» são os seus dois últimos filmes.

Leslie Howard nasceu em Londres a 24 de Abril de 1893 e Leslie Stainer é o seu verdadeiro nome. É casado, tem uma filha de 16 anos e um filho com 25, cuja semelhança com o pai é extraordinàriamente flagrante. De tal maneira que é êle que, nas grandes estreias, nas grandes reüniões, assina os autógrafos das admiradoras do pai...

Leslie Howarde vive principescamente na Califórnia, e é tido como um dos mais temíveis Don Juans de Hollywood.

A FEIRA DAS FITAS

(Conclusão da página 15)

fias a preto e branco que temos podido ver. Alguns equadramentos de exteriores são soberbos e certas deslocações da câmara habilíssimas.

Na interpretação, Tyrone Power propôs-se aguentar o confronto temível com a antiga e maravilhosa interpretação de Douglas Fairbanks. Justo é dizer que não teve a felicidade de Erroll Flynn em «Robin dos Bosques», pois fraqueja no aspecto peralvilho do seu papel, embora empreste a sua esplêndida figura, insinuantíssima, ao valoroso espadachim que completa a personagem. Tyrone seguiu, aliás, humildemente, as lições do grande Doug. Mas não obteve o mesmo magnífico contraste. Basil Rathbone, no antigo papel de Robert Mac Kim, êsse, é de primeira ordem. No seu duelo com Tyrone (a melhor cena do filme) prova mais uma vez os seus extremos de esgrimista. Eugene Palette interpreta um padre curiosíssimo e Edward Bromberg um tiranete medroso perfeitamente aceitável. Linda Darnell limita-se a ser bonita e Montague Love incarna com imponência um fidalgo californiano, pai do versátil Don Diego.

O acolhimento entusiástico do público ao novo «Sinal do Zorro» veio confirmar a maré propícia aos bons filmes de movimento e aventura, o que temos por optimo sinal de formação cinemófila. — A. L. R.

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo os retratos seguintes:

Actriz: ....

Actor: ....



D. MARIA TEREZA DE NORONHA

A grande revelação do Fado, amadora distintíssima, que "Animatógrafo„ teve a honra de apresentar ao público pela primeira vez, alcançou um êxito triunfal na Festa de quinta-feira, pelo seu talento excepcional e pela sua rara elegância. Êste retrato, feito expressamente para o nosso jornal por Silva Nogueira, também é o primeiro que D. Maria Tereza de Noronha tirou num "atelier„.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



JOAN BLONDELL e ERROLL FLYNN são os protagonistas da comédia «O Homem Perfeito», que a S. I. F. vai apresentar brevemente e que é, sem dúvida, uma das mais originais e divertidas películas de todos os tempos

ÊSTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: MARIA DA GRAÇA e ÓSCAR DE LEMOS